



Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane

**AVALIAÇÃO DO POTENCIAL TURÍSTICO DO SAFARI PARQUE DE
MUCAPANEPARA O PLANEAMENTO E DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO
DISTRITO DE MOAMBA**

Tércio Enoque Uamusse

Inhambane, 2025

Tércio Enoque Uamusse

**Avaliação do Potencial Turístico do Safari Parque de Mucapane Para Planeamento e
Desenvolvimento do Turismo no Distrito de Moamba**

Monografia apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane (ESHTI), como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Gestão de Mercados Turísticos.

Supervisor: Doutor Pelágio Julião Maxlhaieie

Inhambane, 2025

Declaração

Declaro que este trabalho de fim de curso é resultado da minha investigação pessoal, que todas as fontes estão devidamente referenciadas, e que nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer grau nesta Universidade, Escola ou em qualquer outra instituição.

Assinatura



(Tércio Enoque Uamusse)

Data: 19 / 12 / 2025

Tércio Enoque Uamusse

**Avaliação do Potencial Turístico do Safari Parque de Mucapane Para o Planeamento e
Desenvolvimento do Turismo no Distrito de Moamba**

Monografia avaliada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em
Gestão de Mercados Turísticos pela Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane –
ESHTI.

Inhambane: 19 / 12 / 2025

Mestre, Francisco Saide Mavico

Categoria, Grau e Nome completo do Presidente

Faide

Rúbrica

Doutor Pelagio Julius Makhazier

Categoria, Grau e Nome completo do Supervisor

P. J. Makhazier

Rúbrica

Mestre, Iânia EFG Jegue

Categoria, Grau e Nome completo do Arguente

I. Jegue

Rúbrica

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha mãe Amélia Alberto Macamo e ao meu irmão em memória Aberto Enoque Uamusse.

Agradecimentos

Em primeira instância endereço os meus agradecimentos à Universidade Eduardo Mondlane e à Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane pelo excelente quadro de docentes capacitados para formar e tornar o sonho de cada estudante desta instituição em realidade.

Em segunda instância agradeço ao Safari Parque de Mucapane por me ter permitido realizar a presente pesquisa no seu recinto e por ter fornecido toda informação que foi utilizada para sustentar o estudo, em especial agradecimento ao Sr. Philipe Gagnaux (gestor do Safari Parque) pela paciência, atenção e disponibilidade fornecida durante a pesquisa de campo.

De forma singular, agradeço ao meu supervisor Prof. Doutor Pelágio Maxlhaieie pelo apoio técnico-científico que me forneceu durante a realização desse trabalho de fim de curso e ao Prof. Doutor Daniel Zacarias pelos conhecimentos técnicos passados para o esboço de mapas temáticos, o meu muito obrigado.

Especiais agradecimentos são endereçados aos meus pais, Enoque Uamusse e Amélia Macamo, aos meus irmãos Eugénio Uamusse e Edson Uamusse, pelo apoio financeiro e emocionalmente ao longo da minha formação e ao meu tio Santos Manhique pela ajuda fornecida no âmbito da colecta de dados.

A todos os meus colegas de curso e de faculdade, pelo apoio incondicional nos episódios mais marcantes da minha formação, que serviram de lembrete diário de que o objectivo que eu pretendia alcançar na ESHTI estava se concretizando.

Por último, mas não menos importante, endereço o meu profundo agradecimento a todos que mesmo não tendo contribuído no meu processo de formação na ESHTI, nada fizeram para impedir a concretização deste sonho.

RESUMO

O presente trabalho teve como propósito avaliar o potencial turístico do Safari Parque Mucapane, localizado no distrito da Moamba, província de Maputo, considerando a importância do planeamento para o desenvolvimento turístico. Presumiu-se que a existência de recursos naturais e culturais, aliados a condições adequadas de infraestrutura e serviços, é determinante para a atractividade de qualquer destino. O trabalho justifica-se pela escassez de estudos sobre o potencial turístico de fazendas de bravia em Moçambique e pela necessidade de orientar investimentos sustentáveis no sector. A pesquisa seguiu uma metodologia baseada em modelos internacionais de inventariação, hierarquização e cálculo do potencial turístico, aplicando-se instrumentos adaptados do Ministério do Turismo do Brasil, da Organização dos Estados Americanos e da metodologia de Cunha (2008). A recolha de dados envolveu técnicas de observação directa, entrevistas e aplicação de questionários aos funcionários do parque. Os resultados demonstraram que o Safari Parque de Mucapane possui uma oferta turística moderadamente desenvolvida, destacando-se pela presença de fauna bravia diversificada, flora característica e recursos hídricos que servem de suporte ao ecossistema local, ainda, para complementar e diversificar a experiência turística, o destino possui o local histórico-cultural Mbala Madoda. Na hierarquização, vários recursos alcançaram níveis de relevância (níveis 3 e 4), revelando capacidade de atrair visitantes nacionais e estrangeiros. No cálculo do potencial turístico, os recursos naturais (especialmente a fauna) apresentaram maior peso no grau de atractividade. Concluiu-se que o parque possui potencial turístico significativo, porém ainda subaproveitado. Investimentos em acessibilidade, segurança, valorização dos recursos culturais e melhoria dos equipamentos turísticos são essenciais para consolidá-lo como destino competitivo, gerando benefícios económicos, sociais e ambientais para a região.

Palavras-Chaves: Potencial Turístico, Planeamento e Desenvolvimento do Turismo, Atractividade Turística e Safari Parque Mucapane.

Lista de Abreviaturas e Siglas

ESHTI – Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane

OEA – Organização dos Estados Americanos

FOFA/SWOT – Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças

PT – Potencial Turístico

Fr – Valor do Recurso

Fe – Valor dos Equipamentos

Fa – Valor da Acessibilidade

Hi – Hierarquia do Recurso

SADC – Comunidade de Desenvolvimento da África Austral

ODS – Objectivos de Desenvolvimento Sustentável

EDM – Electricidade de Moçambique

FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

FLORIQUE – Florestas de Moçambique

Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa de Localização do Safari Parque Mucapane	22
Figura 2 – Quadro da acessibilidade externa do parque: (a) estrada alcatroada desde a EN1 até o mercado de Boquisso; (b) estrada pavimentada em processo de reabilitação desde o mercado de Boquisso até ao mercado de Mukhatine; (c) estrada de terra batida até ao parque.	24
Figura 3 – Quadro de placas de indicação e Informação existentes no trajecto ao parque e no interior do mesmo: (a) placa indicando a direcção e a distância remanescente para chegar ao parque; (b) placa de indicação para chegar ao restaurante.	25
Figura 4 – Quadro das trilhas de carro ilustrando as condições das vias de acessibilidade interna do parque desde o portão de entrada (a) e durante o percurso interno (b).	25
Figura 5 - Mapa de acessibilidade interna e externa do Safari Parque Mucapane	26
Figura 6 – Quadro do Posto de Polícia de Mucapane: (a) placa de informação de proximidade de posto de polícia; (b) edifício do posto de polícia.....	26
Figura 7 – Quando de ilustração dos aspectos de segurança interna do Parque: (a) portão de entrada com guarda; (b) extintor de incêndio localizado no restaura.....	27
Figura 8 – Quadro do sistema de abastecimento de água potável e energia eléctrica do Safari Parque: (a) torre de água erguida com material local; (b) sistema de aquecimento de água com painel solar; (c) painéis solares como fonte alternativa de energia eléctrica.....	28
Figura 9 – Quando dos Chalets de alojamento existentes no Safari Parque: (a) ilustração externa do edifício; (b) ilustração interna do Chalet com cama para casal, sofá e casa de banho no fundo.....	29
Figura 10 - Residência do proprietário e escritório administrativo.	30
Figura 11 – Quadro Ilustrativo do restaurante Mbala Madoda: (a) placa com o nome do restaurante; (b) edifício/instalações do restaurante.	30
Figura 12 – Quadro ilustrativo do interior do restaurante: (a) mesas do restaurante; (b) uma mesa de Buffet preparada	31
Figura 13 – Ilustração do veículo de safari disponível no Safari Parque (a) vista frontal do veículo; (b) interior do veículo.	32
Figura 14 - Quadro dos equipamentos de lazer e diversão do Safari Parque: (a) Parque Infantil; (b) Piscina.	32
Figura 15 - Mapa de Equipamentos Turísticos do Safari Parque Mucapane	33
Figura 16 – Quadro da Fauna Bravia do Safari Parque Mucapane: (a) Girafas; (b) Zebras (c) Crocodilo	33

Figura 17 - Ilustração da Fauna Bravia do Safari Parque (avestruz, Búfalo Asiático e Chita sendo domada).....	34
Figura 18 - Mapa de recursos hídricos do Safari Parque Mucapane	35
Figura 19 - Ilustração da placa do local histórico "Mbala Madoda"	36

Lista de Tabela

Tabela 1 - Perfil sócio-demográfico dos 21 participantes da pesquisa.....	37
Tabela 2 - Potencial Turístico do Safari Parque Mucapane.....	38

Lista de Quadros.

Quadro 1 - Composição da oferta turística.....	11
Quadro 2 - Elementos da oferta turística original.....	12
Quadro 3 - Modelo de Inventário Turístico do Ministério do Turismo do Brasil (2006).....	14
Quadro 4 - Modelo de Inventário de Recursos/O oferta turística de Martins (2017).....	15
Quadro 5 - Hierarquia dos recursos turísticos da OEA	16
Quadro 6 – Sub-fórmulas para o cálculo do potencial turístico	19
Quadro 7 - Elementos da infra-estrutura básica existentes na área circunvizinha do Safari Parque	28
Quadro 8 - Listagem dos factores do ambiente interno e externo da análise FOFA do parque	40
Quadro 9 - Matriz de avaliação estratégica	41
Quadro 10 - Directrizes estratégicas da análise FOFA.....	42
Quadro 11 - Lista completa do inventário dos recursos/atractivos do Safari Parque Mucapane	58

ÍNDICE

<i>Folha de Rosto</i>	i
<i>Declaração</i>	ii
<i>Folha de Avaliação</i>	iii
<i>Dedicatória</i>	iv
<i>Agradecimentos</i>	v
<i>RESUMO</i>	vi
<i>Lista de Abreviaturas e Siglas</i>	vii
<i>Lista de Figuras</i>	viii
<i>Lista de Tabela</i>	x
<i>Lista de Quadros</i>	x
I. INTRODUÇÃO	1
1.1. Enquadramento	1
1.2. Justificativa	2
1.3. Problema	3
1.4. Objectivos	4
1.5. Metodologia.....	4
1.5.1. Classificação da pesquisa	5
1.5.2. Modelo analítico.....	5
1.5.3. Etapa 1: preparação do processo de colecta de dados	6
1.5.4. Etapa 2: procedimentos para colecta e análise de dados	8
II. REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1. Inventário Turístico	10
2.2. Hierarquização dos Recursos Turísticos	15
2.3. Avaliação do Potencial Turístico (PT)	17
2.4. Áreas de Conservação.....	20
III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	22
3.1. Descrição da área de estudo	22
3.2. Apresentação de Resultados	23
3.2.1. Inventário da oferta turística do Safari Parque Mucapane	23
3.2.2. Hierarquização dos recursos/atractivos turísticos do Safari Parque Mucapane	36
3.2.3. Potencial turístico do Safari Parque Mucapane	37
3.3. Análise SWOT/FOFA do Safari Parque Mucapane	40
3.4. Discussão de Resultados	42
IV. CONCLUSÃO	47
V. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
APÊNDICES	52

I. INTRODUÇÃO

1.1. Enquadramento

Na região da *South African Development Community*¹ (SADC), assim como a indústria agrícola e a exploração de recursos minerais o turismo é um dos alicerces de desenvolvimento económico, apresentando contributos directos no Produto Interno Bruto da região através da criação de postos de trabalhos que chegaram a alcançar cerca de 2,5 milhões de postos no ano de 2017 (SADC, 2019 p. 03).

Não obstante, para que a actividade turística ocorra e possa se verificar os ganhos que dela advêm, é necessário que ocorra o factor deslocação do turista dos pólos emissores para os pólos receptores, conforme sustentado por Cabral (2022) citando Tribe (1997) ao definir turismo como o resultado da interacção dos diferentes actores (turista, sector privado e público e a comunidade local) envolvidos na actividade turística.

Ademais, para que o turista se desloque a determinado destino turístico, é necessário que seja motivado. Esta motivação, é condicionada pela existência de atractivos ou recursos turísticos que possam ser utilizados para satisfazer as necessidades do visitante, conforme defendido por Azevedo (2008) e Cunha (2010) ao sustentarem que as necessidades dos turistas são satisfeitas por meio das facilidades criadas no destino turístico recorrendo aos recursos e atracções existentes que também o motivam a deslocar-se. Ainda na mesma abordagem, o factor atractividade ou vocação turística ou potencial turístico de um destino é bastante importante para determinar se uma localidade é propícia ou não para a prática do turismo, daí que a potencialidade/possibilidade do desenvolvimento do turismo estar condicionada aos recursos e respectiva qualidade que certa localidade ou região dispõe (CUNHA, 2008).

No contexto moçambicano, são escassos os estudos que abordam sobre o potencial turístico (especialmente nas coutadas de brávia). É baseando-se nesses pressupostos que o presente trabalho avalia o potencial turístico do Safari Parque de Mucapane. Para o efeito, o estudo encontra-se dividido em cinco (5) capítulos descritos em numeração romana maiúscula, nomeadamente: a Introdução como primeiro capítulo (contempla a justificativa, o problema, os objectivos do pesquisa e a metodologia); a Revisão de Literatura em segundo capítulo (trata do suporte teórico da pesquisa); como terceiro capítulo a Apresentação e Discussão dos Resultados obtidos no trabalho de campo; como quarto capítulo apresenta-se a Conclusão

¹Comunidade de Desenvolvimento da África Austral

geral do trabalho; em quinto constam as Referências Bibliográficas; e por último estão mencionados os Apêndices.

1.2. Justificativa

Breda (2004) pressupõe que para se criar estratégias ou planos no sector do turismo, é necessário que sejam a priori conhecidos os recursos que irão sustentar o desenvolvimento do turismo em determinado local/região. Este facto, verifica-se no contexto moçambicano, uma vez que o Plano Estratégico criado para orientar o desenvolvimento do turismo a nível nacional expõe que a riqueza de Moçambique se assenta na diversidade de recursos naturais, como a fauna, flora, linha costeira com cerca de 2700km. Riquezas essas que colocam o país como um destino renomado de diversidade turística e potencial crescimento económico (Ministério da Cultura e Turismo, 2015).

É reconhecendo a existência destes recursos que diversas individualidades privadas têm investido no território moçambicano, através da criação de empresas e até de santuários ambientais, como é o caso do Safari Parque Mucapane. De acordo com o regulamento das Fazendas de Bravio, no seu artigo 5º, as fazendas de bravio são definidas como áreas privadas com dimensões não superiores a 10.000ha destinadas à conservação da fauna e da flora, cujo direito de exploração é exclusivo do proprietário da coutada (Ministério da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural, 2009).

Acoutada ou fazenda de bravio mencionada, dispõe de recursos e qualidades que são de grande interesse para a actividade turística, como é o caso da fauna bravia, especificamente o Búfalo por ser um dos “Big 5 Terrestres.” De salientar que é importante conhecer o grau de atractividade desses recursos para que se possa desenvolver o turismo de forma sustentável.

Nesta linha de argumentação, e apoiando-se aos objectivos da avaliação do potencial turístico propostos por Cunha (2008) o estudo objectiva determinar o valor turístico do Safari Parque Mucapane. Viabilizando deste modo a priorização de investimentos e estabelecer prioridades de desenvolvimento que aproveitam o potencial turístico deste local e olhando para a mitigação dos impactos negativos da actividade turística.

Ademais, do ponto de vista do distrito em que se localiza a coutada em estudo, a pesquisa propõe aspectos que devem ser melhorados (a nível de acessibilidade e reestruturação urbana), de modo a tornar o parque mais atractivo do ponto de vista turístico.

Ademais, o estudo associaa dois (2) dos objectivos 17 Objectivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), a saber: o oitavo (8) - Trabalho Digno e Crescimento Económico e o quinto(15) - Proteger a vida terrestre. Em relação ao oitavo ODS, o estudo permitiu que a identificação do potencial turístico do parque possa atrair mais investimento para o parque em termos de implementação de mais actividades turísticas como Safari por veículo 4x4, o que poderá aumentar o número de visitantes e consequentemente, o aumento da captação de divisas (renda) e abrindo espaço para contratação de mais guias locais (emprego). Quanto a protecção a vida terrestre, o facto é que a área de estudo é um local de conservação da fauna bravia e flora, o aumento da renda poderá melhorar as condições de protecção desses animais, na medida em que sistemas de rastreio podem ser instalados para controlar os animais e reduzir o conflito homem animal, assim como a caça furtiva.

Por último, as outras motivações podem ser entendidas dentro do campo da empatia com a área de estudo, pois enquanto cidadão e estudante na área de turismo, sempre prevalecem inquietações inerentes ao uso adequado dos recursos existentes em locais com potencial turístico, pensando-se no bem-estar da comunidade local e nos demais actores envolvidos no sector do turismo, sem esquecer obviamente das gerações vindouras.

1.3.Problema.

No mundo inteiro o turismo tem se destacado como uma fonte de revitalização da economia das nações, conforme sustentado por Martins (2017 p. 04) “O turismo tornou-se ao longo das últimas décadas um dos maiores sectores económicos no mundo, apresentando crescimento rápido e sustentado, sendo considerado meio para o desenvolvimento, prosperidade e bem-estar dos conselhos, regiões e países.” Portanto, em Moçambique, o turismo é um sector estratégico, ao lado da agricultura, da indústria e do potencial mineral-energético(Governo de Moçambique, 2025).

Por outro lado, Cunha (2008)defende a indispensabilidade de se efectuarem avaliações rigorosas do potencial dos recursos, de modo a se acautelar o desenvolvimento equilibrado entre as variáveis económicas, sociais e ambientes (o dito sustentável) evitando assim o uso irracional dos mesmos.

O mesmo autor defende que está avaliação de potencial de desenvolvimento do turismo é feita com base nos recursos existentes em certo local, porém o seu desenvolvimento estará na capacidade de agregar valor e criar factores de motivação para turistas(CUNHA, 2008)(Breda,

2004). Deste modo, A capacidade de uma localidade/região atrair visitantes não será uniforme para todas localidades ou destinos turísticos, sendo que os factores que vão ditar o seu nível de atractividade serão os recursos e seus atributos qualitativos(CUNHA, 2008 p. 23).

Pode se entender assim que a ausência ou percepção inadequada do potencial turístico pode levar os responsáveis pelo turismo (sejam esses governamentais ou entidades privadas) a acreditarem ingenuamente que o turismo pode se desenvolver em determinado local, o que culmina com a elaboração de planos, projectos ou até programas do pormenor que estão destinados ao fracasso, ocasionando desperdício de recursos e possível frustração da população local que acreditava nos então benefícios associados ao turismo como o emprego.

Colocadas estas abordagens, centra-se agora a questão problema do presente estudo, que foi realizado no Safari Parque de Mucapana, local este que segundo Cristina (2024) é uma fazenda (empresa privada) que se dedica a conservação de fauna bravia, localizada na província de Maputo, Distrito de Moamba, oferecendo serviços complementares como alojamento e restauração. Verificando-se a existência desses recursos, pretende-se saber: ***Qual é o Potencial Turístico do Safari Parque de Mucapane capaz de contribuir para o planeamento e desenvolvimento do turismo?***

1.4.Objectivos

Geral: Avaliar o potencial turístico do Safari Parque de Mucapane com vista a apoiar o planeamento e desenvolvimento do Turismo.

Específicos:

1. Inventariar os recursos turísticos naturais e culturais do Safari Parque de Mucapane;
2. Identificar a infra-estrutura básica, equipamentos e serviços turísticos que influenciam a atractividade turística do parque.
3. Hierarquizar os recursos turísticos do Safari Parque de Mucapane para determinar o grau de atractividade;
4. Determinar as áreas prioritárias para o investimento considerando o potencial turístico dos recursos turísticos do Safari Parque de Mucapane.

1.5.Metodologia

1.5.1. Classificação da pesquisa

Existem várias formas de classificar a pesquisa, sendo que as variáveis que se mostram mais adequadas para este estudo são quanto: a natureza; aos seus objectivos; a forma de abordagem do problema e do ponto de vista dos procedimentos técnicos.

Quanto a Natureza, a pesquisa é aplicada visto que objectivou gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos a solução de problemas específicos, ou seja, avaliar o potencial turístico do Safari Parque para o planeamento e desenvolvimento do turismo no distrito de Moamba. De salientar que se trata de uma verdade com interesse local.

Quanto aos seus objectivos, o estudo é exploratório e descritivo. Exploratório porque procurou proporcionar maior familiaridade com a vocação turística do parque em estudo e buscar soluções para o desenvolvimento do turismo na região. Ainda, para se perceber melhor o assunto em questão interagiu-se directamente com as pessoas que têm maior domínio e conhecimento do parque, ou seja, os funcionários. Descritivo porque o estudo identificou os factores que determinam o grau de atractividade do parque, especificamente os recursos turísticos com maior potencial de atrair visitantes.

Do ponto de vista da abordagem do problema, o estudo é classificado como sendo quantitativo, uma vez que, traduziu em forma de números as opiniões e informações fornecidas pelo painel de peritos entrevistado para proceder com a avaliação do potencial turístico do parque.

Ademais, quanto aos procedimentos técnicos, o estudo é tido como pesquisa bibliográfica e documental. Bibliográfica porque foi elaborada a partir de material já publicado e disponível na biblioteca física da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane e na biblioteca virtual (consulta de livros e artigos científicos); Documental porque também se consultou material que não recebeu tratamento analítico, que é o caso dos regulamentos e colectânea de leis.

1.5.2. Modelo analítico

Para se efectuar o Inventário dos recursos (naturais e culturais) se aplicou a ficha de inventário turístico proposta pelo Ministério do Turismo do Brasil (2006), acrescentando alguns aspectos que se podem encontrar no modelo de diagnóstico turístico de Ruschmann (2004) por permitir explorar mais e conhecer as características específicas do local

em estudo como a delimitação geográfica, as características físico natural, aspectos históricos e administração geral. Após o inventário dos recursos existentes, procedeu-se a hierarquização dos mesmos segundo o modelo da OEA, que também serviu de base para o cálculo do potencial turístico do Safari Parque Mucapane aplicando a fórmula de Leno Cerro(1993) citado por Cunha (2008) a seguir: $PT = \alpha Fr + \beta fa + \delta Fe$

1.5.3. Etapa 1: preparação do processo de colecta de dados

Esta etapa do trabalho consistiu na selecção da informação chave, na preparação dos instrumentos para a recolha de dados e na selecção da amostra e amostragem do estudo.

Para selecção de informação chave, recorreu-se a técnicas de pesquisa bibliográfica e documental para produzir o fundamento teórico do trabalho, aplicando-se a técnica de leitura selectiva para obter a informação. Ainda neste âmbito, a obtenção de material bibliográfico como livros e artigos científicos foi feita na biblioteca da Escola Superior de Hotelaria de Inhambane assim como na biblioteca virtual, dando-se prioridade a fontes primárias recentes, e na pesquisa documental foi feita a consulta de legislação do sector do turismo junto das instituições que lhe dão com o sector do turismo como a Direcção Provincial da Cultura e Turismo, O Conselho Municipal da Cidade da Matola (onde está inserido o distrito onde se localiza a cidade em estudo) e a Administração Nacional das Áreas de Conservação, por meio de visitas nos seus canais digitais.

1.5.3.1. Instrumentos de colecta de dados

Quanto aos instrumentos de colecta de dados, foram utilizados (2) instrumentos adaptados dos modelos de: (1) Ficha de inventário - Inventário da Oferta Turística do Ministério do Brasil (2006); (2) Matriz de hierarquização e avaliação do PT dos recursos – Modelo de Hierarquia da OEA e o modelo de Cunha (2008). Estes instrumentos podem ser visualizados na secção dos apêndices.

- 1) **Ficha de Inventário** – esta dividida em duas partes. A parte I que diz respeito aos elementos da oferta turística, que compreende a três categorias de análise (Infra-estrutura básica ou urbana, Equipamentos e Serviços turísticos; e Recursos/atractivos turísticos) quando uma dessas categorias contempla seus próprios elementos de análise que podem ser vistos com mais detalhes no apêndice A. Ainda, busca aferir a existência desses elementos em termos quantitativos e qualitativos. A parte II diz respeito aos dados gerais do local do estudo, neste caso, se fará a colecta de informação sobre os aspectos geográficos, físico naturais, assim como a sua capacidade em termos de recursos

humanos, financeiros, tecnológicos e outros aspectos que se acharem relevantes (apêndice 1).

2) **Matriz de hierarquização dos recursos turísticos e Avaliação do PT** – Dividida em três secções, nomeada: **Secção 1 – Hierarquização dos Recursos** (apresenta cinco níveis de hierarquia na escala crescente, onde o entrevistado pode seleccionar o nível em que cada recurso deve estar consoante o modelo hierárquico da OEA discutido no capítulo da revisão de literatura); **Secção 2 – Avaliação do potencial turístico** (composta por três (3) tabelas de ponderação referentes aos elementos do potencial turístico, a saber: ao valor dos recursos (Fr); valor dos equipamentos (Fe) e valor da acessibilidade (Fa). A pontuação foi feita obedecendo a escala de 5 pontos, sendo que: 5 – Excelente; 4 – Bom; 3 – Razoável; 2 – Mau; 1 – Péssimo; 0 – Indiferente); e **Secção 3 – Perfil do entrevistado**. (apêndice 2)

1.5.3.2. Definição da Amostra

Considerando que a população-alvo para se avaliar o potencial turístico foram entidades singulares ou colectivas que superintendem sobre a matéria (peritos na área), as matrizes de hierarquização e avaliação do potencial turístico foram submetidas ao painel de funcionários do Safari Parque de Mucapana. Segundo Nhantumbo(2024), o parque tem 34 funcionários, desses, a amostra da presente pesquisa foi de 25 elementos, extraída seguindo a fórmula de Triola(2005), conforme cálculos ilustrados a seguir:

Dados	Fórmula / resolução
N = 34 (população)	
z = 95% corresponde a 1,96	
p = 50% corresponde a 0,5	$n = \frac{Z^2 * p(1-p)}{e^2} / (1 + \frac{Z^2 * p(1-p)}{e^2 * N})$
e = 10% corresponde a 0,1	$n = (1,96 * 0,5 * 0,5) / 0,1^2$
	$n = (3,8416 * 0,25) / 0,01$
	$n = 0,9604 / 0,01 = 96,04$

Aplicando-se o ajuste para população pequena teremos:

$$n = \frac{96,04}{1 + \frac{96,04}{34}} = 25,1 \approx 25$$

Importa salientar que a pesquisa contou com apenas 21 participantes dos 25 identificados, porque parte dos funcionários encontravam-se de férias laborais.

1.5.3.3.Amostragem

Para se seleccionar os elementos da amostra, ou seja, os funcionários do Safari Parque de Mucapana que preencheram a matriz de avaliação (atribuição de pontos aos recursos) fez-se o uso da técnica de amostragem não probabilística intencional, obedecendo aos seguintes critérios:

- Cargo e funções que desempenha: deu-se prioridade a todos os indivíduos que tem posição ou títulos, seja o director ou chefe de departamentos, por se entender que estes tenham um domínio mais detalhado da área em que actuam e podiam dar uma contribuição mais aprofundada ou que esteja mais próxima da realidade;
- Tempo de trabalho: deu-se prioridade a todos os funcionários que tinham no mínimo 2 anos de trabalho dentro do parque. O tempo de serviço dentro do parque é um indicador relevante porque permitiu que o inquerido pontuasse consoante a sua experiência de trabalho, assumindo-se assim que o funcionário com no mínimo 2 anos de trabalhos já trazia uma bagagem considerável;
- Disponibilidade para participar da pesquisa: a pesquisa não interrompeu as actividades dos funcionários, nos casos, em que os demais critérios não se mostraram eficazes se optou em seleccionar os participantes segundo a sua disponibilidade.

1.5.4. Etapa 2: procedimentos para colecta e análise de dados

A colecta de dados foi feita aplicando-se o método de pesquisa de campo, ou seja, o pesquisador (acompanhado de mais dois auxiliares, formando uma equipe de 3 elementos) visitou as instalações do Safari Parque para colher os dados essenciais para compor o trabalho. Ainda, aplicou-se a técnica de entrevista para colectar os dados, com recurso a dois instrumentos de recolha de dados, a saber: a ficha de inventário da oferta turística e a matriz de avaliação do potencial turístico que foram descritas anteriormente.

Quanto a aplicação do primeiro instrumento de recolha de dados (ficha de inventário), foi aplicada a técnica de inquérito por entrevista direccionada ao proprietário ou gestor do parque, este que pode fornecer os dados sobre a oferta turística do local em estudo, também se fez usada técnica de observação para averiguar a existência ou não dos elementos da oferta e o estado da mesma. De salientar que os auxiliares de recolha de dados também portavam as fichas de inventários para fazerem o levantamento aplicando a técnica de observação. Para a

sua análise aplicou-se a técnica de análise de conteúdo, atribuindo-se significados aos elementos levantados e através do cruzamento da informação colhida por cada pesquisador buscou-se identificar padrões tendências e correlações.

Ademais, quanto ao segundo instrumento de recolha de dados (Matriz de avaliação), a técnica de inquérito por questionário foi aplicada aos demais funcionários do parque, obedecendo aos critérios estabelecidos no ponto 1.5.3.3. anterior.

Para a devida análise dos dados colhidos com a matriz de avaliação, recorreu-se a técnica de análise estatística descritiva, ou seja, com recurso ao programa de pacote estatístico de ciências sociais da sigla em inglês (SPSS), tendo se procedido à interpretação e descrição dos dados em forma de gráficos, tabela e mapas. Esta última forma de representação dos dados foi possível com recurso a ferramenta do *Google Earth Pro* para extrair as coordenadas e limites tanto do parque assim como da acessibilidade e localização dos equipamentos e posteriormente exportados ao software de *ArcGis* versão 10.6.1 na ferramenta de *ArcMap* para produção dos mapas finais.

II. REVISÃO DE LITERATURA

Na visão de Cunha(2008), o primeiro passo para se proceder com a avaliação do potencial turístico de determinada zona é a realização do inventário da oferta turística e classificação dos recursos turísticos, feito isso, é realizada a hierarquização desses recursos e só então procede-se a avaliação como produto final. Porque o presente projectoobjectiva proceder com a avaliação do potencial turístico do Safari Parque de Mucapana, é desenvolvido nesta secção do trabalho o sustento teórico que apoia o projecto, buscando-se primeiramente a definição do que seria a oferta turística e sua composição, assim como as técnicas necessárias para proceder com o inventário da mesma; em segundo, o que seriam recursos turísticos e como podem ser classificados e hierarquizados; e por fim, o que seria o Potencial Turístico e que métodos são aplicados para o seu cálculo.

2.1. Inventário Turístico

Antes de se abordar sobre o inventário turístico, achou-se a necessidade de trazer uma compreensão detalhada do que seria a oferta turística, por se entender que está faz parte do processo de inventário turístico.

Na visão de Cunha (2003), tudo que é produzido e disponibilizado para o consumo do turista a fim de satisfazer suas necessidades é considerado oferta turista, sendo também agregado os elementos naturais e ou culturais que estiveram por detrás da sua deslocação até o destino turístico.

Ademais, Dias (2005 p. 59), oferta turística é “tudo aquilo que faz parte do consumo turístico, onde se incluem bens, serviços públicos e privados prestados ao turista, recursos naturais e culturais, eventos e actividades recreativas.”

É evidente que asdefinições apresentadas pelos autores acima citados, remetem ao entendimento de que a composição da oferta turística limita-se basicamente a tudo que o turista irá consumir durante a sua viagem, porém, Boiteux&Wernerb(2009 p. 10) analisam a oferta turística como um parte integrante do sistema turístico, descrevendo-a como sendo “o conjunto de elementos que completam o produto turístico, que está dividido em atractivos turísticos, serviços turísticos, serviços públicos e infra-estrutura básica.” Está definição, para além das variáveis apresentadas por Cunha (2003) e Dias (2005), já incorpora a componente da infra-estrutura básicaque não está no destino turístico para servir exclusivamente ao turista,

mas a população local, porém devido a sua utilidade acaba sendo usufruído também pelo turista.

Os autores Boiteux&Wernerb(2009) trazem uma distinção mais aprofundada entre as dimensões de atractivo e serviços turístico, descrevendo que o primeiro pode ser natural ou cultural, enquanto o segundo incluem as facilidades fornecidas pelas empresas turísticas como hotéis, restaurantes, transportes e outros serviços complementares.

2.1.1. Composição da oferta turística

A composição da oferta turística tem como base elementos diversificados, estas mesmas diversificações de elementos dependem do seu grau de utilidade, estágio de desenvolvimento e das potencialidades existentes no país, região ou localidade (CUNHA, 2003). O mesmo autor lista que a oferta turística é composta pelos seguintes elementos: Recursos turísticos; Infra-estruturas; Super-estrutura; Acessibilidade e transportes; Hospitalidade e Acolhimento. Os quais são descritos no quadro 1 abaixo.

Quadro 1 - Composição da oferta turística

Elemento da oferta	Descrição
Recursos turísticos	Natural ou artificial – sendo o principal elemento da oferta, a parte natural contempla o clima, a flora e fauna, a paisagem, as praias e as montanhas, a parte artificial contempla aspectos culturais e a história local e sítios ou edificações consideradas importantes pelo Homem
Infra-estruturas	Construído pelo homem para satisfazer as necessidades básicas da população local, mas acaba sendo utilizado também pelo turista. Por exemplo: sistema de transporte, comunicação, segurança, saneamento público, fornecimento de corrente eléctrica.
Super-estrutura	Contempla especificamente os empreendimentos que satisfazem a demanda/procura turística, também chamados de infra-estrutura específica como hotéis, restaurantes e serviços de lazer e comércio.
Acessibilidade e transportes	Contempla as facilidades que permitem aceder e se locomover dentro do destino turístico (vias assim como os meios de transporte).
Hospitalidade e Acolhimento	Analisado na vertente da capacidade de boa recepção dos turistas por parte da população local, assim como o bem-estar do turista (sensação de segurança).

Fonte: Adaptado de Cunha(2003)

Por outro lado, Beni (2003), ao abordar sobre a composição da oferta turística, apresenta duas (2) classificações, a saber: oferta turística original e a oferta turística agregada. A primeira diz respeito aos recursos destinados a matéria-prima, a base para a produção dos serviços e produtos turísticos (subdivide-se em Hidromo, Fitomo, Litomo, Antropomo e Cosmotomo); e a segunda classificação diz respeito aos serviços disponibilizados pelas empresas que operam no ramo (estas incluem os serviços de transporte, as variadas formas de alojamento, actividades de recreação, operadores turísticos e ou as agências de viagem).

Quadro 2 - Elementos da oferta turística original

Elemento da oferta	Descrição
Hidromo	Proveniente da palavra grega <i>hýdor</i> , ou seja, água – atracções cuja base é a água como praias, lagos e rios, a neve e gelo, nascentes de águas, cascatas, águas aquecidas por vulcões (águas termais)
Fitomo	Proveniente da palavra grega <i>phytón</i> : vegetal, árvores – elementos da flora que são consideradas atractivos turísticos (matas sagradas, áreas de conservação) e até as paisagens naturais que surgem devido a intervenção do homem (jardins, santuários naturais)
Litomo	Proveniente da palavra grega <i>lúthos</i> : pedra – todas as formações geológicas cuja proveniência está relacionada com os vulcões ou o movimento de placas tectónicas (montes e montanhas, cavernas, planícies, cataratas, mares e golfos).
Antropomo	Proveniente da palavra grega <i>ánthropos</i> : homem – o elemento central é o homem e seu modo de viver (podendo ser aspectos antigos ou até actuais), englobando os valores por ele criados. A cultura e a história, o folclore, os monumentos históricos, os sítios arqueológicos e os lugares de peregrinação.
Cosmotomo	Compreende os voos turísticos programados em táxis espaciais da série X, pela NASA, ou até os actuais <i>ônibus</i> espaciais.

Fonte: Adaptado de Beni(2003)

2.1.2. Inventário turístico

De acordo com Silva (2007 p. 14) ao realizar um inventário turístico objectiva-se “colher um painel do sistema turístico que servirá de base no processo de planificação do turismo e este deverá procurar destacar os pontos fortes do local ou área em detrimento dos pontos fracos, criando assim motivos de investimento.”

Ademais, para Boiteux & Werner (2009 p. 15) inventário turístico é o “levantamento detalhado dos atractivos e atracções baseados na oferta turística, que deverão seguir uma hierarquia

segundo o seu potencial para que se possa agrupar a procura a fim de identificar o grau de atractividade da localidade”.

Postas as declarações dos autores acima pode se perceber que o inventário da oferta turística não consiste apenas num levantamento quantitativo dos elementos que a compõem, mas inclui a análise situacional desses elementos (análise qualitativa), buscando aferir o grau de utilização dos mesmos, conforme sustentado por Perantoniet *al.* (2012 p. 65) o inventário turístico “pressupõe o levantamento, a sistematização e a análise de dados relativos aos atractivos turísticos, aos serviços e aos equipamentos turísticos, à infra-estrutura de apoio, bem como a base de informações.”

2.1.3. Modelos de inventário da oferta turística

O primeiro modelo de inventário da oferta turística que merece ser descrito é o apresentado por Cunha (2008). Este autor, descreve que as técnicas mais simples aplicadas ao inventariar os recursos turísticos² fundamentam-se na classificação das partes que a compõem, nos quais se segmentam aqueles com características idênticas. Por exemplo: recursos hídricos que compreendem rios, lagos, nascentes entre outros (CUNHA, 2008).

Assim, Cunha (2008 p. 26) fazendo referência a Organização dos Estados Americano (OEA); a Cerro, 1993; e a Organização Mundial do turismo (OMT), 1998; nos trás um “modelo de inventário com classificação dos recursos em 5 categorias, subdivididos em tipos e subtipos:”

1 – Sítios Naturais: que englobam todos os lugares que tem um valor paisagístico, com exclusão de qualquer outro critérios bem como os recursos associados ao interesse paisagístico (fauna, flora, caça, e pesca); 2 – Museus e manifestações culturais históricas: inclui o conjunto dos recursos de natureza cultural que têm um valor histórico, artístico ou monumental tais como: museus, realizações urbanas, lugares históricos ou centros arqueológicos; 3 – Folclore: que compreende todas as manifestações relacionadas com o acervo cultural, os costumes e tradições da população residente; 4- Realizações técnicas, científicas e artísticas contemporâneas: que abarcam apenas os elementos que pela sua singularidade ou alguma característica excepcional tem interesse turístico: explorações minerais ou industriais, obras de arte e técnica, centros científicos e técnicos; 5 – Acontecimentos programados: que compreendem todas as manifestações e eventos organizados, actuais ou tradicionais, que podem ter capacidade para atrair visitantes, quer sejam artísticos, desportivos ou outros (CUNHA, 2008 p. 26).

²A palavra “recurso turístico” deve ser entendida como oferta turística.

Vale ressaltar ainda que, a classificação da oferta turística apresenta por Beni (2003), também é um modelo que pode ser utilizado para fazer o inventário não só quantitativo, mas também qualitativo da oferta, visto que segue a ideologia apresentada por Cunha (2008 p. 26) que diz: “a elaboração de inventários dos recursosturísticos fundamentam-se na classificação das partes que a compõem, nos quais se segmentam aqueles com características idênticas.”

O modelo de Beni (2003) apresenta duas macro-divisões da oferta, nomeadamente Oferta Original e Oferta Afregada. A oferta original é composta por Hidromo, Fitomo, Litomo, Antropomo e Cosmotono; já a oferta Agregada é composta por Transporte, Alojamento, Agências de viagens, Operadores Turísticos, Infra-estrutura e Restauração.

Ademais, outro modelo que pode ser utilizado para fazer o inventário da oferta turística é o Modelo Brasileiro de Inventario da Oferta Turística desenvolvido pelo Ministério do Turismo do Brasil (2006). Este modelo apresenta três categorias (Infra-estrutura básica ou urbana; Serviços e Equipamentos Turísticos; e Recursos e Atractivos turísticos) e respectivas subcategorias da oferta, conforme descritos no quadro 3abaixo.

Quadro 3 - Modelo de Inventário Turístico do Ministério do Turismo do Brasil (2006)

Categorias da oferta	Subcategorias da oferta
1) A infra-estrutura básica ou urbana	a. Meios de Acesso ao Município b. Sistema de Comunicações c. Sistema de Segurança d. Sistema Médico-Hospitalar e. Sistema Educacional f. Outros Serviços e Equipamentos de Apoio
2) Serviços e equipamentos turísticos	a. Serviços e Equipamentos de Alojamento b. Serviços e Equipamentos para Restauração c. Serviços e Equipamentos de Agenciamento d. Serviços e Equipamentos para Transporte e. Serviços e Equipamentos para Eventos f. Serviços e Equipamentos de Lazer e Entretenimento g. Outros Serviços e Equipamentos Turísticos.
3) Recursos/attractivos turísticos	a. Recursos/Atractivos Naturais b. Recursos/Atractivos Culturais

Fonte: Adaptado do Ministério do Turismo do Brasil(2006)

Um pouco mais recente, Martins(2017)apresenta um modelo de inventário de recursos moldado à realidade do Conselho de Tomar enquanto destino turístico, o mesmo pondera a

divisão da oferta em recursos primários e secundários, desdobrando-se em diversas categorias e subcategorias.

Quadro 4 - Modelo de Inventário de Recursos/O oferta turística de Martins (2017).

Categorias da oferta/Recursos	Subcategorias da oferta/Recursos
1) Recursos Primários	1.1) Património: património natural e património cultural; 1.2) Actividades: percursos; 1.3) Equipamentos: culturais, desportivos, recreativos e negócios; 1.4) Eventos: religião, cultura, animação, desporto e megaeventos;
2) Recursos Secundários ou Complementares	2.1) Actividades: gastronomia e vinhos, circuitos turísticos e confrarias; 2.2) Equipamentos: comércio, turismo, transportes e infra-estruturas sociais.

Fonte: Martins (2017 p. 20)inDirecção Geral do Turismo (2015).

Em suma, pode se dizer que o inventário da oferta turista não segue um modelo único e universal para todas as regiões ou áreas com potencial turístico. A existência de vários modelos aplicáveis no processo de inventariação é uma evidência clara de que os gestores ou planeadores da actividade turística podem adaptar esses modelos levando em consideração as características específicas de cada área ou destino turístico.

2.2.Hierarquização dos Recursos Turísticos.

De modo a evitar uma hierarquização errada dos recursos turísticos, apresenta-se a seguir uma abordagem detalhada do que seria o próprio recurso no sector do turismo, baseando-se na visão de Cunha (2008).

O autor acima citado descreve que na abordagem económica o recurso é visto como sendo o bem tangível ou intangível que pode ser transformado em serviço para satisfazer as necessidades humanas. E do ponto de vista da actividade turística, visto que ela se baseia também em recursos, podem ser definidos como sendo todos os recursos naturais ou actividades humanas que sejam motivada deslocação de visitantes ou turistas(CUNHA, 2008).

“Assim, os recursos constituem os elementos essenciais no desenvolvimento turístico porque são eles que determinam a atracção de um país ou região e definem as suas potencialidades turísticas” (CUNHA, 2008 p. 25).

Por outro lado, Freitas e Lima (2020) defendem que é bastante comum a literatura associar o termo recurso turístico ao conceito de atractivo turístico, pois, este último, é também a matéria-prima do turismo, sendo assim denominado ou classificado em natural ou cultural transformado em produto/serviço, que atenda todas as exigências indispensáveis para vender aos turistas, com comprometimento social, ambiental e cultural devidamente acautelado.

2.2.1. Métodos de hierarquização dos recursos turísticos

A literatura aponta para a existência de diversos métodos ou modelos que podem ser empregues para estabelecer a hierarquia dos recursos turísticos existentes em determinada área. Antes de se Apresentar os demais métodos que podem ser utilizados nesse processo, irá se descrever aqui dois (2) métodos de hierarquização e classificação dos recursos turísticos por se julgar serem importante para o presente projecto, a saber, a metodologia da Organização dos Estados Americanos (OEA) descrito por Cunha(2008), e a Avaliação dos Recursos turísticos de Ferreira (2005) citado por Martins (2017).

a) Hierarquia do Recursos Turísticos da OEA

Este modelo estabelece a hierarquia dos recursos em 5 níveis consoante a sua relevância turística e seu nível de atractividade, seja moderada ou bastante relevante (CUNHA, 2008). As hierarquias determinam-se para cada recurso, atribuindo-se um factor de ponderação que indica a importância do recurso e a sua capacidade de atracção não o seu valor turístico. Os valores utilizados para ponderar podem variar de 0 a 3 ou de 0 a 5 da escala de *Likert* (CUNHA, 2008).

Quadro 5 - Hierarquia dos recursos turísticos da OEA

Nível de Hierarquia	Descrição
5	Recurso com características excepcionais e de grande significado para o mercado turístico corrente de visitantes (actual e potencial) (interesse internacional)
4	Recurso excepcional capaz de motivar uma corrente actual ou potencial) de visitantes nacionais ou estrangeiros, seja por si só ou em conjunto com outros atractivos locais (interesse nacional)
3	Recurso com alguma capacidade de atracção capaz de interessar visitantes de longa distância, mas que se deslocam ao local por outras razões turísticas
2	Atractivo com interesse, capaz de originar correntes turísticas regionais ou locais.
1	Recurso sem méritos suficientes para considerar o recurso como relevante, mas

	que desempenha um papel complementar, diversificação e potenciando os restantes recursos.
--	---

Fonte: (CUNHA, 2008 p. 27).

b) Modelo de avaliação de recursos turísticos de Ferreira (2005) citado por Cunha (2017)

Outra metodologia aplicada na hierarquização ou classificação dos recursos turísticos é apresentada por Martins (2017), fazendo referência a Ferreira (2005). Esta metodologia primeiro apresenta a divisão dos recursos em primários (que por sua vez dividem-se em património natural e cultural) e recursos complementares, e depois apresenta a sua classificação que é feita com a marcação de um “X” com base em três (3) dimensões a saber: capacidade atractiva (que se subdivide em internacional; nacional; regional; local e nula); Singularidade (desdobra-se em Bom, Médio e vulgar); e Notoriedade (desdobra-se em Elevada, Média e Fraca).

Não obstante o acima exposto, importa salientar que não existem métodos universais para hierarquizar os recursos turísticos, estes podem ser adaptados considerando as características intrínsecas de cada localidade ou até país, este facto justifica-se pela diversidade de recursos que se podem achar em cada região, que também não serão uniformes para todas as regiões. Daí que autores como Freitas e Lima (2020) debruçam sobre vários métodos de hierarquizar os recursos, que foram utilizados ao longo do tempo em situações ou regiões completamente diferentes.

2.3.Avaliação do Potencial Turístico (PT)

Termos como “vocação turística” ou até “capacidade de atracção” são Comummente utilizados na literatura para se referir ao potencial turístico (PT) de uma área. Numa abordagem mais específica, De Almeida (2009 p. 557) define o potencial turístico da seguinte maneira:

Potencial turístico pode ser entendido como a existência de condições objectivas favoráveis da oferta turística, dos aspectos normativo-institucionais e de outros factores complementares capazes de viabilizar, por meio do adequado planeamento, uma exploração turística sustentável destinada a satisfazer uma demanda actual ou latente (ALMEIDA, 2009 p. 557).

E de um modo geral, o PT é tido como sendo o conjunto de elementos que configuram um destino turístico e depende essencialmente, da qualidade e quantidade dos recursos turísticos (ALMEIDA, 2017).

Quando se refere a “qualidade dos recursos”, a autora descreve que é a capacidade que esses recursos têm de serem valorizados após a transformação que sofrerão pela acção do homem de modo a satisfazer as necessidades do turista. Destacando ainda, que a acessibilidade, equipamentos e infra-estrutura disponíveis também são aspectos importantes a incorporar na avaliação do potencial turístico (ALMEIDA, 2017).

Cunha (2008) descreve que são quatro (4) os principais propósitos da avaliação do PT de uma área ou destino turístico, a saber:

- 1) Determinar o valor de diversas zonas a fim de estabelecer uma ordem de prioridades de desenvolvimento ou de programação dos investimentos a realizar;
- 2) Avaliar em que medida uma determinada zona aumenta ou diminui o seu grau de atractividade em função do seu crescimento;
- 3) Realizar comparações do potencial de uma área com outra que esteja no mesmo nível de competitividade; e
- 4) Avaliar a capacidade de atracção de uma zona após um acontecimento positivo ou de um acontecimento negativo.

2.3.1. Métodos de avaliação do potencial turístico

Convém destacar que na visão de Cunha os métodos de avaliação do PT culminam com o estabelecimento de uma métrica de valor que faculte sustentar as decisões referentes ao aproveitamento turístico ou de recursos. E porque os territórios diferem um dos outros e os recursos são diversos, é necessário adaptar os métodos existentes ou aplicar mais de um para se chegar ao potencial turístico (CUNHA, 2008).

2.3.1.1. Metodologia de avaliação do potencial turístico proposta por Leno Cerro (1993) citado por Cunha (2008)

A primeira metodologia que merece análise é a apresentada por Leno Cerro (1993) citado por Cunha (2008), na qual, o autor descreve que o PT de uma zona pode ser medido pela fórmula: $PT = \alpha Fr + \beta Fa + \delta Fe$. Em que: PT = Potencial turístico; Fr = Valor dos recursos; Fa = Valor das acessibilidades; Fe = Valor dos equipamentos; α , β , δ = Coeficientes de ponderação.

O autor desdobra-se ainda, apresentando sub-fórmulas para calcular o valor dos recursos (Fr) e o valor dos equipamentos (Fe), conforme demonstrado no quadro 6 a seguir:

Quadro 6– Sub-fórmulas para o cálculo do potencial turístico

Elemento do potencial turístico	Sub-fórmula	Significados	Ponderação
Valor dos recursos (Fr)	$Fr = H * P$	H – Hierarquia primária do recurso “n” P – Factor de ponderação relativo à natureza do recurso “n”	Realizam inquéritos para obter a ponderação de pode variar de 0 a 3 ou de 0 a 5 da escala de Linkert
Valor dos equipamentos (Fe)	$Fe = 2Et + Ec$	Et – Equipamentos turísticos; Ec – Equipamentos comerciais	Ambas variáveis podem ser expressas numa escala de 0 a 5 pontos em detrimento da quantidade e qualidade dos empreendimentos
Valor da acessibilidade	$Fa = Ai + Ae$	Ai – Acessibilidade interna; Ae – Acessibilidade externa	Esta pode ser classificada ou ponderada recorrendo também a escala de Linkert de 5 pontos, em função dos acessos interno e externo

Fonte: adaptado de (CUNHA, 2008)

a) Coeficientes de Ponderação

O mesmo autor descreve que o preceito elementar para a qualificação destes coeficientes é a possibilidade de interferência do Homem sobre cada um dos factores a considerar. Assim os recursos terão um coeficiente mais elevado considerando que se não existem serão mais delicados de criar, enquanto a acessibilidade e os equipamentos a carência é mais fácil de eliminar, assim: $\alpha = 1,50$; $\beta = 1,25$; $\delta = 1,00$ (CUNHA, 2008).

2.3.1.2. Metodologia de avaliação do potencial turístico proposta por De Almeida (2009)

Ao realizar um estudo sobre o PT dos municípios de Guaratinguetá e Cunha em São Paulo, de Almeida (2009) desenvolveu e propôs a matriz de avaliação do PT de centros receptores. Segundo o autor, a principal razão do desenvolvimento dessa matriz é o facto de que muitos métodos para calcularem o potencial turístico de uma zona focam mais na análise dos atractivos e recursos turísticos, todavia, defende-se a necessidade de considera-se outros factores importantes neste processo como o caso do conjunto normativo-institucional, ao mesmo tempo, a necessidade de criar um ferramenta de avaliação que faculte a sua aplicação de maneira mais fácil (ALMEIDA, 2009).

A matriz foi desenvolvida considerando abordagens metodológicas da Empresa Brasileira de turismo (1984), a proposta de Leno Cerro (1993), CardenasTabares (1994), a hierarquização estabelecida pela Organização dos Estados Americanos (CICATUR/OEA), e alguns critérios estabelecidos pelo próprio autor. Quanto a sua disposição, a matriz é constituída por quatro (4) níveis hierárquicos relacionados, a saber: Atractivos turísticos; Equipamentos e serviços turísticos; Infra-estrutura de apoio turístico; e o conjunto Normativo-Institucional (ALMEIDA, 2009). Este último diz respeito ao “conjunto de estruturas e organizações oficiais e não governamentais responsáveis pelo planeamento e pela gestão pública e compartilhada do turismo na localidade e dos instrumentos facilitadores destes processos, incluindo a gestão da localidade como produto turístico” (ALMEIDA, 2009 p. 550).

b) Critérios de análise da Matriz de avaliação do PT de centros receptores.

Quanto aos critérios de análise, o autor estabelece uma escala de ponderação decrescente de 5 pontos, com excepção do indicador Existência e Gestão do Fundo Municipal de Turismo (inserido na categoria de análise estrutura) e de todos os indicadores da categoria de análise Instrumentos de Planeamento e Gestão Pública e Compartilhada do Turismo (ambos da dimensão Normativo Institucional), que recebem uma pontuação diferenciada, aceitando-se apenas duas possibilidades de avaliação: atribui-se 5 à plena satisfação do critério em questão e 3 à satisfação parcial (ALMEIDA, 2009).

Ademais, nas dimensões de Atractivos Turísticos, Equipamentos e Serviços Turísticos e Infra-Estrutura de Apoio Turístico, e suas correspondentes categorias de análise, utiliza-se como referência, com os devidos ajustes, a metodologia de inventário da oferta turística da EMBRATUR (1984) in (ALMEIDA, 2009).

Após se efectuar a ponderação (atribuição de pontos que variam de 5 a 1), é feita o somatório dos pontos obtidos por indicadores, categorias e dimensões, depois é extraída a média dos valores que possibilitarão a discussão dos resultados (ALMEIDA, 2009).

2.4. Áreas de Conservação

Definidas pela União Internacional para Conservação da Natureza (UICN) como sendo “um espaço geográfico claramente definido, reconhecido, dedicado e gerenciado por meios legais ou outros meios efectivos, para alcançar a conservação de longo prazo da natureza com serviços ecossistêmicos e valores culturais associados” (MITCHELL, et al., 2023). A mesma

organização, sustenta que esta definição se amplia a seis categorias de gestão, a saber: Reserva Natural Estrita; Área Silvestre; Parque Nacional; Monumento ou Característica Natural; Área de Manejo de Espécies; Paisagem de Espécies ou Marinha Protegida e Áreas Protegidas com uso Sustentável dos Recursos Naturais. Em todas essas categorias, o domínio ou responsabilidade sobre a área pode ser de quatro (4) tipos de entidades: Tipo A - Governos; Tipo B – Entidades Privadas; Tipo C – Governança Partilhada e Tipo D – Povos Indígenas e Comunidades locais. (MITCHELL, et al., 2023; ALMEIDA, 2024)

A realidade do contexto moçambicano não foge muito do que é considerando internacionalmente, uma vez que a colectânea de legislação das áreas de conservação faz referência a existência das mesmas categorias de áreas de conservação e que estão sob a governança das mesmas entidades mencionadas pela UICN ((Ministério da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural, 2009; JONES, et al., 2019)

Assim, pode-se afirmar que a área de estudo da presente pesquisa faz parte da categoria de área protegida com uso sustentável dos recursos naturais, cuja governança é exclusiva do sector privado, sustentando assim o declaradodo no Regulamento de Fazendas de Bravio, da autoria do Ministerio da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural (2017).

III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

No presente capítulo são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa. Começando com a descrição da área de estudo e de seguida focando-se na avaliação do potencial turístico do Parque, que é antecedido pelas etapas de inventário da oferta turística e dos recursos e da hierarquização dos mesmos.

3.1. Descrição da área de estudo

A área de estudo da pesquisa é o Safari Parque de Mucapanaque segundo Nhantumbo(2024) surge de um projecto desenvolvido em 1980 pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) e seus colaboradores, com o objectivo de prover carvão à população de Mucapana e circunvizinha, recorrendo a plantação de eucaliptos (*Eucalyptus camaldulensis* e *Eucalyptus paniculata*) em algumas regiões da Província de Maputo.

Actualmente, o Safari Parque de Mucapana é uma empresa privada que se dedica a conservação de animais bravios, que vivem em liberdade natural e outros em cativeiro. Este parque situa-se no posto administrativo de Pessene, distrito de Moamba, Província de Maputo (figura 1) a cerca de 36km da Estrada Nacional Número 1 (partindo do Estádio Nacional do Zimpeto)(NHANTUMBO, 2024).

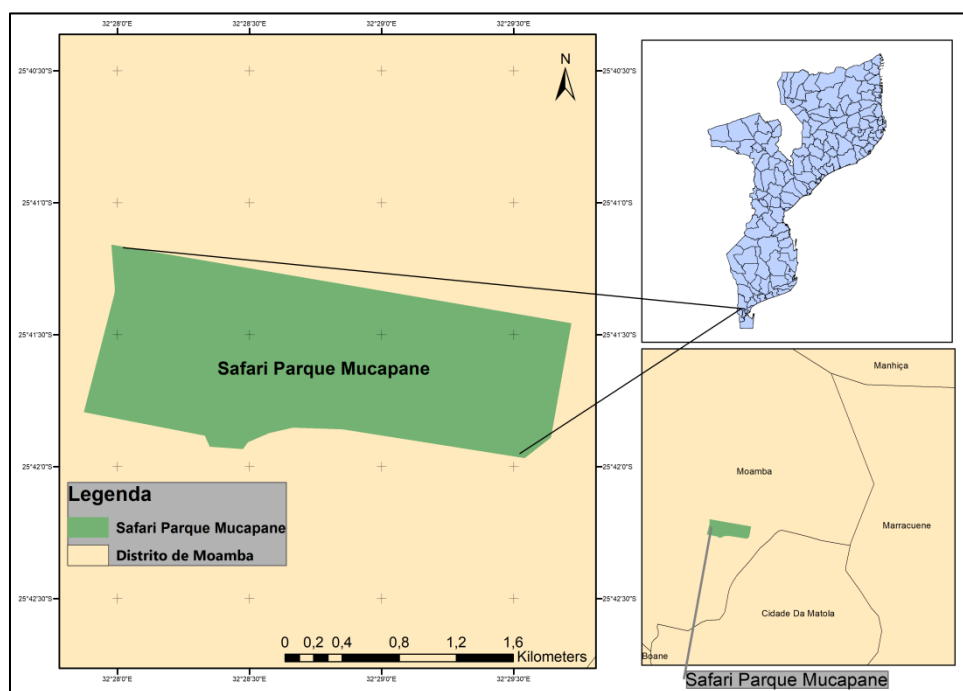


Figura 1 - Mapa de Localização do Safari Parque Mucapane

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

3.1.1. Atributos do Safari Parque de Mucapana

O primeiro aspecto/atributo que vale a pena mencionar é a sua extensão, este ocupa cerca de 300ha. Actualmente, os animais bravios ocupam uma área de 130ha aonde predomina uma floresta densa com grande número de *micaias*, que em certo momento dificulta a visão e o acesso aos animais; os restantes 170ha estão reservados para a agro-pecuária. A FLORIQUE (Florestas de Moçambique) é um compartimento pertencente ao Safari Parque, que se dedica a plantação de eucaliptos, bem como a criação de alguns animais do sector familiar, nomeadamente: Suínos da raça landim, Patos, Galinhas, Perus, Pombos, Coelhos e Caprinos(NHANTUMBO, 2024). A existência desses recursos naturais já é um elemento essencial para atrair visitantes que queiram praticar a caça desportiva, que segundo a legislação moçambicana só pode ser exercida nas coutadas e fazendas de bravio como o Safari Parque de Mucapana.

O Safari Parque de Mucapana, organiza-se em três sectores nomeadamente: sector de pecuária – responsável pelo cuidado e tratamento dos animais; sector de manutenção e alimentação – responsável pela manutenção das infra-estruturas do parque e alimentação das chitas; e o sector de guardas e operários – responsável pela garantia da segurança e processamento de madeira proveniente das árvores de eucalipto. O Safari Parque de Mucapana é aberto aos visitantes todos os dias num horário das 9h-16h podendo também funcionar 24 horas por dia, e conta com 34 funcionários(NHANTUMBO, 2024). Dado ao facto de o parque ser uma fonte de renda ao investidor e poder empregar membros da comunidade local para atender a demanda de visitantes, torna-se assim necessário conhecer a vocação turística ou o potencial que esta coutada tem de atrair visitantes.

3.2.Apresentação de Resultados

3.2.1. Inventário da oferta turística do Safari Parque Mucapane

A oferta turística do Safari Parque Mucapane não está bastante desenvolvida, sendo que os equipamentos turísticos foram erguidos com material local e maior parte estão localizados próximos uns dos outros. A vedação da área no seu todo obedece a um padrão monótono, sendo usada para delimitar a área e separar a parte da fauna bravia e a de exploração doméstica ou área de serviço.

3.2.1.1. Infra-estrutura básica ou urbana do Safari Parque Mucapane

a) Acessibilidade externa

Na componente de acessibilidade externa (para se chegar ao parque), a estrada principal (R808) é composta por três tipos de asfalto, primeiro o alcatrão desde o desvio da estrada nacional N° 1 até ao mercado de Boquisso, seguido de um pavimento em processo de colocação até ao mercado de Mukhatine (em alguns pontos já se encontra degradado devido a camiões com excesso de carga) e a ultima parte do troço é de terra batida, conforme ilustra a figura 2 abaixo (conjunto de imagens da acessibilidade externa do parque).

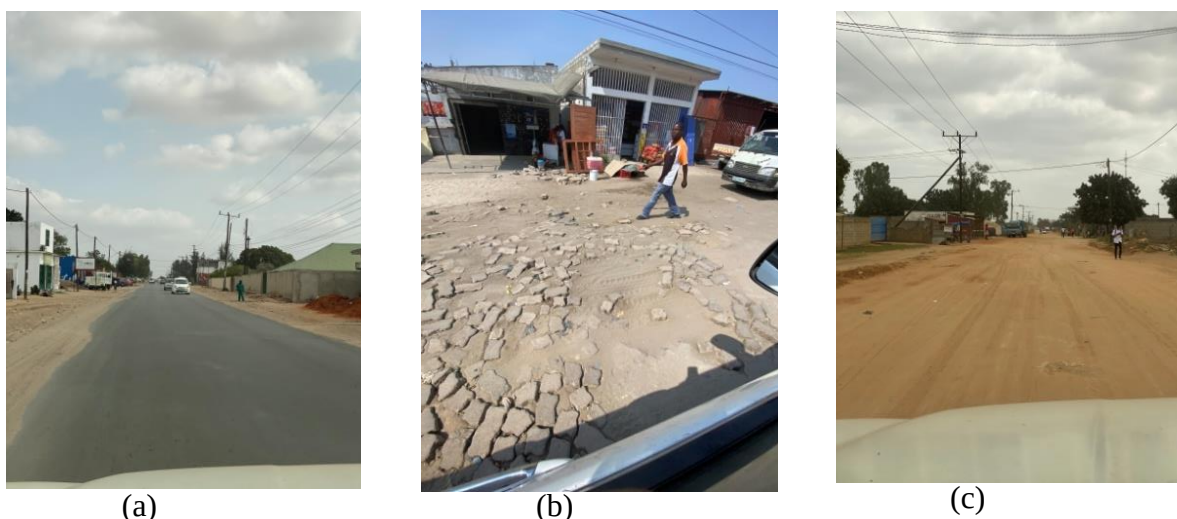


Figura 2—Quadro da acessibilidade externa do parque: (a) estrada alcatroada desde a EN1 até o mercado de Boquisso; (b) estrada pavimentada em processo de reabilitação desde o mercado de Boquisso até ao mercado de Mukhatine; (c) estrada de terra batida até ao parque

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

b) Acessibilidade interna

A acessibilidade interna é predominantemente caracterizada por trilhas para viaturas e para peões (na área de serviço), sendo que não existem estradas asfaltadas. Contudo, verifica-se desde o posto de polícia de Mucapane placas de informação e de indicação para se chegar ao parque e as suas instalações, conforme se pode ver nas figuras 3 e 4 da página seguinte.

De salientar que essas placas foram da iniciativa do parque e foram colocadas utilizando material local (madeira proveniente do próprio parque), sendo essa uma evidência clara da preocupação com a sustentabilidade ambiental.



Figura 3—Quadro de placas de indicação e Informação existentes no trajecto ao parque e no interior do mesmo:
 (a) placa indicando a direcção e a distância remanescente para chegar ao parque; (b) placa de indicação para chegar ao restaurante

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

Já no interior, verifica-se a existência de trilhas se estendem desde a entrada até as diversas instalações como a residência do proprietário e os equipamentos turísticos. Ainda, na área de safari (área de 130 hectares) estendem-se trilhas feitas especificamente para apreciar a fauna e flora, conforme se pode verificar na figura 4 abaixo e figura 5 da página seguinte(mapa de acessibilidade do parque).

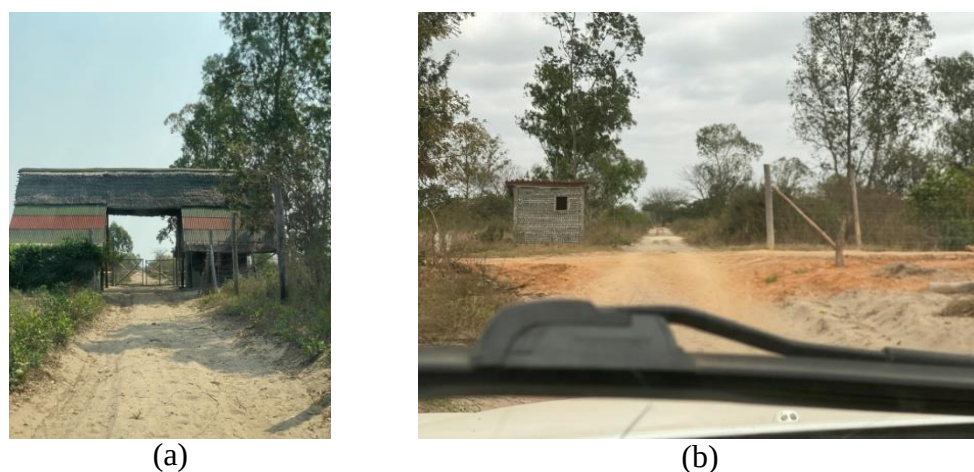


Figura 4—Quadro das trilhas de carro ilustrando as condições das vias de acessibilidade interna do parque desde o portão de entrada (a) e durante o percurso interno (b).

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

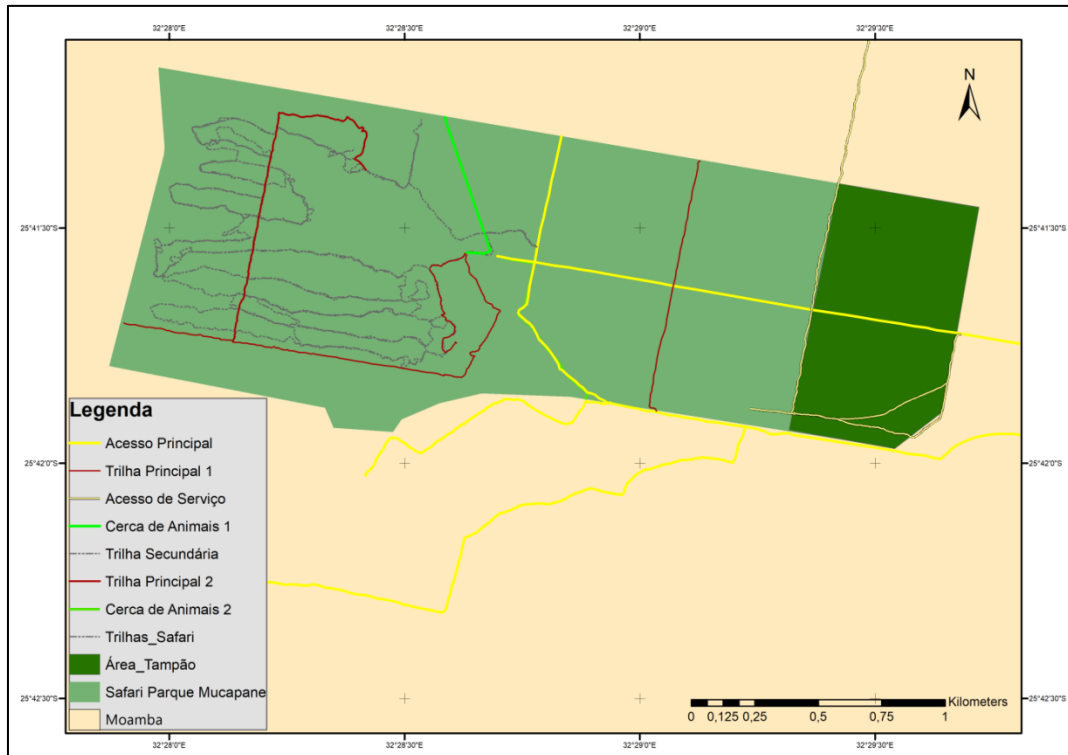


Figura 5 - Mapa de acessibilidade interna e externa do Safari Parque Mucapane

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

c) Segurança externa e interna

Quanto a segurança interna, a cerca de 4km antes do parque encontra o posto de polícia de Mucapane, que serve de referência e local de informação. Embora a infra-estrutura do mesmo não se encontre em bom estado de conservação (figura 6), o mesmo funciona 24h por dia e dispõe de 1 viatura de patrulha na comunidade.



(a)



(b)

Figura 6—Quadro do Posto de Polícia de Mucapane: (a) placa de informação de proximidade de posto de polícia; (b) edifício do posto de polícia

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

Quanto a segurança interna, o parque dispõe de uma cancela na entrada principal com segurança 24/7, garantindo assim que pessoas não autorizadas não acessem ao interior do parque. A ilustração da cancela pode ser visualizada na figura 7 abaixo. Ainda na mesma figura 7, é possível ver que a gestão do parque se preocupa com a segurança contra incêndios, disponibilizando extintores de incêndios espalhados pelo restaurante e chalets.

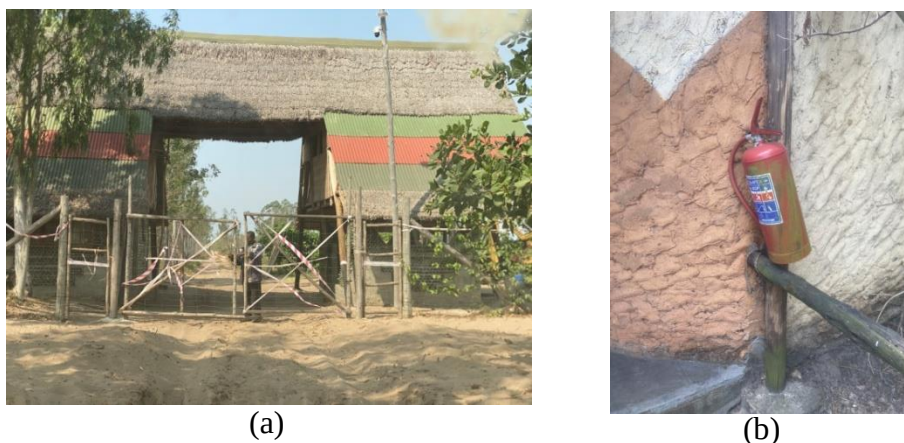


Figura 7—Quando de ilustração dos aspectos de segurança interna do Parque: (a) portão de entrada com guarda; (b) extintor de incêndio localizado no restaura

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

Embora exista preocupação com a segurança por parte da equipe gestora do parque, algumas fragilidades são verificadas quando grandes incidentes ocorrem na área destinada à fauna bravia. Exemplo dessa fragilidade o Sr. Philip Gagnaux (proprietário do parque) mencionou o incidente que ocorrera no início do ano, aquando do incêndio de um veículo particular pertencente a um grupo de turistas que estavam a fazer o safari, tendo sido impossível apagar as chamas que consumiram o veículo todo (figura 23 dos apêndices). Essa situação abre espaço para que mais procedimentos de segurança sejam considerados.

d) Sistema de abastecimento de água e energia eléctrica

A água potável existente no parque é captada através de furos de água subterrânea e armazenada em tanques. No total, o parque dispõe de 5 furos com tanques de 500L de capacidade de armazenamento cada, colocadas em torres construídas com madeira de eucalipto proveniente do próprio parque, conforme ilustrado na figura 8.

Quanto ao fornecimento de energia eléctrica, é utilizada a rede pública de energia eléctrica da empresa Electricidade de Moçambique (EDM) como fonte principal, porém, também existem

painéis solares como fonte secundária que fornecem energia para os Chalets de alojamento e o sistema de aquecimento de água para as casas de banho, conforme ilustra a figura 8abaixo.

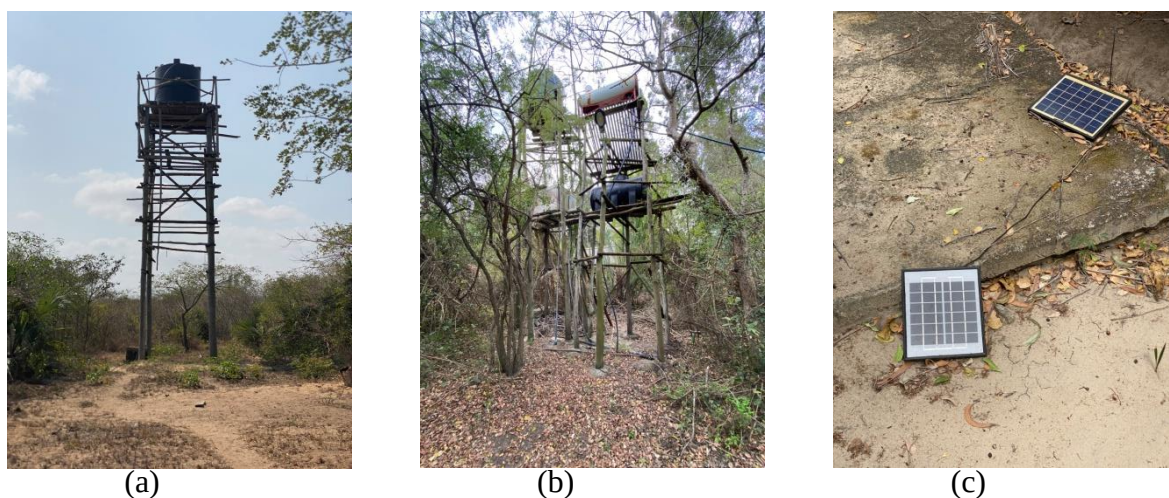


Figura 8—Quadro do sistema de abastecimento de água potável e energia eléctrica do Safari Parque: (a) torre de água erguida com material local; (b) sistema de aquecimento de água com painel solar; (c) painéis solares como fonte alternativa de energia eléctrica

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

e) Serviços de Transporte

O parque dispõe de dois veículos de transporte de materiais, utilizados para transportar produtos provenientes da pecuária e da agricultura, madeira para processamento na quinta FLORIQUE, assim como a locomoção dos trabalhadores dentro do parque ao desenvolverem as suas actividades. Os mesmos podem ser visualizados na figura 20 secção dos apêndices.

Quando aos demais elementos da infra-estrutura básica ou urbana, não se verificam nos limites internos do parque, contudo, são encontrados na área circunvizinha e se tornam pontos de utilidade para o parque. Os mesmos são apresentados no quadro 7abaixo.

Quadro 7 - Elementos da infra-estrutura básica existentes na área circunvizinha do Safari Parque

Elemento da infra-estrutura básica	Nome ou Designação	Localização
Serviços de Educação	Escola Primária de Mukhatine	Bairro de Mukhatine
Serviços de Saúde	Posto Médico Militar de Boquisso	Bairro de Boquisso
Equipamentos Comerciais	i. Padaria de Mucapane ii. Centro de reparação de pneus iii. Ferragem de venda de Material de construção	Bairro de Mucapane (ao longo da estrada principal - R808)

	iv. Electro-ferragem Mucapane v. Estaleiro de venda de Blocos vi. Mercado de Mucapane vii. Merceria dona Rita	
Equipamentos de transporte	Terminal de transporte rodoviário	Bairro de Mucapane

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

3.2.1.2. Equipamentos e serviços turísticos do Safari Parque Mucapane

f) Equipamentos de alojamento

No seu todo, o parque dispõe de 4 chalets com capacidade que varia de 2 a 4 pessoas, sendo que 1 com capacidade para até 2 pessoas, 2 chalets com capacidade de 3 pessoas e o último com capacidade de até 4 pessoas. Todos os chalets são equipados com casa de banho privativa e um balcão com lavatório e água canalizada (fria e quente). Disponível todos os dias (mediante reserva antecipada), o preço da estadia é cobrado por noite, custando 2.500,00MZN por quarto para duas pessoas e 500,00MZN por pessoa adicional em cada unidade de alojamento. Vale ressaltar que, segundo o Regulamento de Empreendimentos Turísticos Estabelecimentos de Restauração e Bebidas e Salas de Dança no seu artigo 07 (tipos e Categorias dos empreendimentos turísticos), estes assumem a classificação de categoria única por pertencerem a categoria de conjunto turístico, (Governo de Moçambique, 2022)do conforme pode se verificar na figura 9 abaixo.



(a)



(b)

Figura 9—Quando dos Chalets de alojamento existentes no Safari Parque: (a) ilustração externa do edifício; (b) ilustração interna do Chalet com cama para casal, sofá e casa de banho no fundo

Fonte: Pesquisa do campo do autor (2025)

Não propriamente para o turismo, mas existe também a residência do proprietário do parque que tem em anexo o escritório administrativo do próprio parque. O edifício é como ilustrado na figura 10 abaixo, junto do mesmo tem a área de estacionamento para a equipe administrativa e para a equipe operária ou até visitantes que necessitem de interagir com o proprietário.



Figura 10 - Residência do proprietário e escritório administrativo

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

g) Equipamentos de restauração

Quanto a restauração, o parque dispõe de um restaurante e bar denominado “MbalaMadoda” (figura 11) que opera todos os dias servindo refeições a modo buffet, com pratos tipicamente moçambicanos como *matapa* com caranguejo e frango a *zambezi*ana.



(a)



(b)

Figura 11–Quadro Ilustrativo do restaurante MbalaMadoda: (a) placa com o nome do restaurante; (b) edifício/instalações do restaurante

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

As refeições são cobradas por pessoa, sendo que para crianças a partir dos 12 anos adiante custa 850,00MZN, menores dos 6 a 11 anos custa 550,00MZN e para menores de 6 anos custa 400MZN. O restaurante é equipado com 13 mesas equipadas com cadeiras que variam de 2 a

8 ocupantes. As mesas de duas (2) cadeiras estão no piso superior e as de 4 a 8 ocupantes se encontram no piso térreo, todas não são fixas e podem ser movimentadas consoante a necessidade e desejo dos visitantes. As ilustrações do restaurante podem ser visualizadas na figura 12 abaixo.



(a)



(b)

Figura 12–Quadro ilustrativo do interior do restaurante:(a) mesas do restaurante; (b) uma mesa de Buffet preparada

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

Para além do restaurante, o parque também dispõe de uma cozinha Self-catering, a disposição dos visitantes que queiram preparar suas próprias refeições ou até preparar seu próprio churrasco, conforme ilustrado na figura 19 dos apêndices.

h) Equipamentos de transporte turístico

Para a actividade de Safari, o parque dispõe de um (1) veículo de safari com tracção nas quatro rodas, capacidade de até 5 ocupantes e equipado com quite de primeiros socorros, dois (2) galões extra de combustível e mais dois (2) de água potável localizados na parte superior traseira do veículo. Conforme ilustrado na figura 13 da página seguinte.



(a)



(b)

Figura 13—Ilustração do veículo de safari disponível no Safari Parque (a) vista frontal do veículo; (b) interior do veículo.

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

Importa salientar que o acesso ao veículo para safari está condicionado ao pagamento de taxa de aluguer de 2.500,00MZN (incluindo guia), podendo fazê-lo por 3.000,00MZN com motorista mediante reserva prévia. Em alternativa pode se fazer o passeio com veículo próprio e escolher apenas o acompanhamento do guia local a uma taxa de 250,00MZN (existe um mapa afixado no restaurante para visualizar o circuito).

i) Equipamentos de lazer e entretenimento

Para divertimento de crianças e adultos, o parque dispõe de um jardim infantil equipado com balouços, escorregas, mini parede de escalagem e pula-pulas de acesso gratuito, ainda no mesmo recinto tem a piscina (figura 14) que é grátis para quem consumir no restaurante ou estiver alojado, caso não, é cobrada a taxa de 150,00MZN para adultos e 100,00MZN para crianças.



(a)



(b)

Figura 14 - Quadro dos equipamentos de lazer e diversão do Safari Parque: (a) Parque Infantil; (b) Piscina.

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025)

Abaixo é apresentado o mapa de equipamentos turísticos do Safari Parque Mucapane.

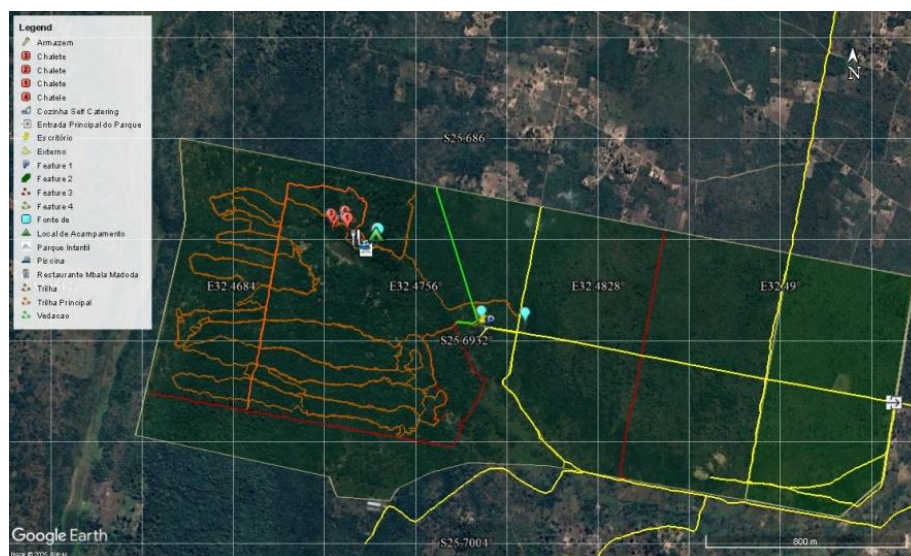
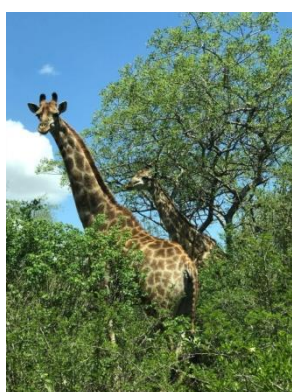


Figura 15 - Mapa de Equipamentos Turísticos do Safari Parque Mucapane
Fonte: O autor (2025)

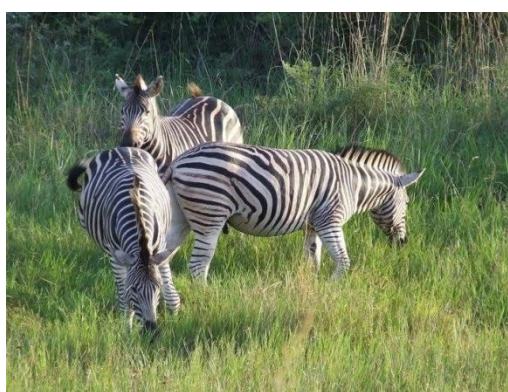
3.2.1.3. Recursos/atractivos turísticos do Safari Parque

j) Recursos Naturais

Nos que concerne aos recursos naturais, o parque dispõe fauna e flora que constituem o maior atractivo do mesmo. Quanto a fauna, é possível encontrar animais bravios como Girafas, Zebras, Búfalos Asiáticos, Antílopes e até chitas (conforme ilustrado nas figuras 16 e 17), não obstante, também existe a criação de animais domésticos como coelhos, suínos, gado bovino, suíno e caprino, que servem de fonte de alimento para os trabalhadores assim como os animais carnívoros do parque.



(a)



(b)



(c)

Figura 16—Quadro da Fauna Bravia do Safari Parque Mucapane: (a) Girafas; (b) Zebras (c) Crocodilo

Fonte: Arquivo do Safari Parque (2023)



Figura 17 - Ilustração da Fauna Bravia do Safari Parque (avestruz, Búfalo Asiático e Chita sendo domada)

Fonte: Pesquisa de campo do autor (2025), Arquivo do Safari Parque (2023)

Quanto a flora, existe a predominância de espécies de árvore como Micaias e Eucaliptos que têm valor económico para o parque, mas também existe a vegetação local com predominância de frutos silvestres como a “Massala” que servem de alimento para os animais. Ainda, como forma de obter renda, o proprietário do parque mencionou que realizou recentemente a plantação de coqueiros na área de serviço do parque, com o objectivo de usar os frutos para abastecer o restaurante (matéria-prima no confeccionamento de pratos típicos) e obter madeira como matéria-prima para o fabrico de mobiliário(GAGNAUX, 2025).

k) Recursos Hídricos

Conforme ilustra a figura 18, o parque também dispõe de recursos hídricos (charcos) que servem principalmente de bebedouros naturais para os animais bravios. No total são 4 charcos, sendo o maior deles, o charco em frente ao restaurante e os chalets de alojamento (designado pelo autor charco MbalaMadoda), e os mais pequenos (charco das girafas, das chitas e dos Búfalos). A escolha dos nomes deveu-se a presença constante da respectiva espécie de animal.

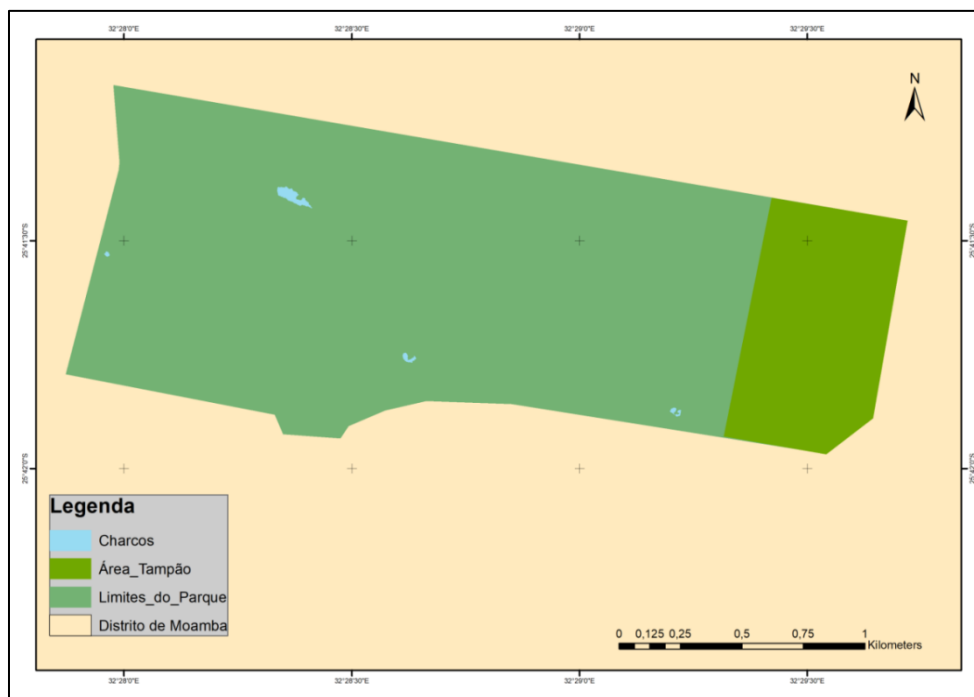


Figura 18 - Mapa de recursos hídricos do Safari Parque Mucapane

Fonte: o autor (2025)

l) Recursos culturais

Por se tratar de uma área de conservação privada, no seu interior não existe variedade de aspectos culturais que identifiquem a população local e expressem a sua identidade cultural. Contudo, o local onde foi erguido o restaurante “MbalaMadoda” é conhecido pelos nativos como sendo um antigo local de contagem de guerreiros antes e depois das incursões militares entre as tribos nativas da região, que vigorou na época da luta de resistência contra o colonialismo português (GAGNAUX, 2025).

Ainda, o proprietário do parque explicou que o respectivo nome (MbalaMadoda) está associado ao episódio relatado no paragrafo, pois era/é assim que a população local chamava o local e o lago que não secava que ali existência. É baseando-se nesses aspectos, que na visão do autor, este é considerado como um recurso cultural de interesse turístico, que passando pelo devido processo de turistificação pode gerar fluxo turístico.



Figura 19 - Ilustração da placa do local histórico "MbalaMadoda"

Pesquisa de campo do autor (2025)

Importa salientar que a lista completa (incluindo as categorias e quantidades) do inventário dos recursos/atractivos turísticos pode ser visualizada na secção dos apêndices, quadro 10.

3.2.2. Hierarquização dos recursos/atractivos turísticos do Safari Parque Mucapane

Conforme é possível visualizar no apêndice 3, os recursos do Safari Parque estão divididos em duas (2) categorias a saber: recursos culturais e recursos naturais, este último apresenta três (3) subcategorias (fauna, flora e hídricos). Conforme descrito na secção da metodologia, para se estabelecer a hierarquia de cada recurso seguiu-se a proposta de Cunha (2008), tendo sido possível enquadrar os recursos nos níveis 2, 3 e 4 conforme descritos nos gráficos 1 e 2 da página seguinte.

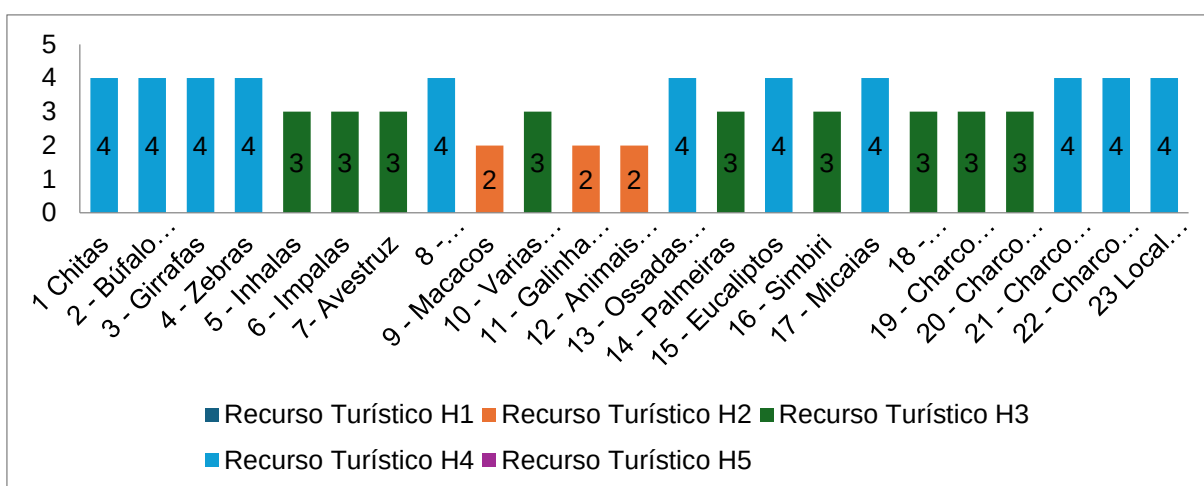


Gráfico 1 - Hierarquia dos recursos/atractivos do Safari Parque Mucapane

Fonte: O autor (2025)

Considerando os dados apresentados no gráfico 1, pode-se ver que se tem o total de onze (11) recursos no nível 4 da hierarquia (de 1 a 4 e os recursos 8 e 13, 15 e 17 e de 21 a 23), tendo

capacidade de motivar uma corrente actual ou potencial) de visitantes nacionais ou estrangeiros, seja por si só ou em conjunto com outros atractivos locais (interesse nacional). Também se tem um total de nove (9) recursos no nível 3 de hierarquia (de 5 a 7, 10 e 14, 16, e de 18 a 20), sendo capazes de interessar visitantes de longa distância, mas que se deslocam ao local por outras razões turísticas. Quanto aos demais recursos (apenas 3), mas não menos importantes, se enquadram no nível 2 de hierarquia, sendo capazes de originar correntes turísticas regionais ou locais.

Importa salientar que, conforme ilustra o gráfico, não se têm recursos dos níveis um (1) e cinco (5) da Hierarquia proposta por Cunha (2008).

3.2.3. Potencial turístico do Safari Parque Mucapane

Conforme descrito na secção da metodologia, o cálculo do potencial turístico do Safari Parque Mucapane seguiu a fórmula proposta por Leno Cero, citado por Cunha (2008). Nesta subsecção é apresentado o cálculo do potencial turístico do Safari Parque, antecedido do perfil sócio-demográfico dos 21 participantes da pesquisa que preencheram ao questionário, conforme se pode visualizar nas tabelas 1 e 2 das páginas seguintes, respectivamente:

Tabela 1 - Perfil sócio-demográfico dos 21 participantes da pesquisa

Variável	Categoria	Respostas (%)	Respostas em quantidade
Departamento	Administração	4,8%	1
	Alimentação	9,5%	2
	Manutenção	9,5%	2
	Segurança	23,8%	5
	Turismo	38,1%	8
	Cuidado e tratamento de animais	14,3%	3
Cargo/Função	Cozinheiro/a	4,8%	1
	House-Keeping	4,8%	1
	Guia	14,3%	3
	Motorista	4,8%	1
	Administrador	4,8%	1
	Domador de animais	4,8%	1
	Alimentador de animais	4,8%	1
	Guarda	4,8%	1
	Carpinteiro	9,5%	2
	Fiscal	14,3%	3
	Recepcionista	9,5%	2

	Chefe de departamento	23,8%	5
Nacionalidade	Moçambicano	90,5%	19
	Estrangeiro	9,5%	2
Género	Masculino	90,5%	19
	Feminino	9,5%	2
Faixa Etária	18-28	4,8%	1
	29-40	52,4%	11
	41-50	28,6%	6
	50 ou mais	14,3%	3
Instrução académica	Ensino Secundário Geral	71,4%	15
	Formação Técnica	19%	4
	Licenciatura	9,5%	2
Domínio de Linguas	Apenas Português	0%	0
	Português e Inglês	66,7%	7
	Português e Inglês	33,3%	14

N = 21

Fonte: trabalho de campo do autor (2025)

Tabela 2 - Potencial Turístico do Safari Parque Mucapane

Recurso Turístico	Pt=αFr+βfa+δFe						
Naturais (Fauna)	α	Fr	β	Fa	Δ	Fe	PT
1 Chitas (2)	1,5	16	1,25	7	1	28	61
2 - Búfalo Aziático (15)	1,5	15	1,25	7	1	57	89
3 - Girafas (4)	1,5	16	1,25	7	1	33	66
4 - Zebras (40)	1,5	15	1,25	7	1	34	66
5 - Inhamitanga (40)	1,5	9	1,25	7	1	21	43
6 - Impalas	1,5	8	1,25	6	1	21	41
7- Avestruz (2)	1,5	8	1,25	6	1	22	43
8 - Diversidade de passáros	1,5	16	1,25	7	1	30	64
9 - Macacos	1,5	6	1,25	6	1	27	44
10 - Várias espécies de Cobras (até giboia)	1,5	8	1,25	6	1	13	32
11 - Galinha do Mato	1,5	4	1,25	6	1	16	30
12 - Animais domésticos (coelhos, caprinos, suínos, Pombos, gado bovino)	1,5	6	1,25	7	1	23	41
13 - Ossadas de Animais (Girafas e Antílopes)	1,5	10	1,25	6	1	21	44
Recursos Naturais (Flora)	---	---	---	---	---	---	---
14 - Palmeiras	1,5	11	1,25	6	1	27	51
15 - Eucaliptos	1,5	13	1,25	8	1	22	50
16 - Simbiri	1,5	10	1,25	6	1	23	46

17 - Micaias	1,5	12	1,25	6	1	23	49
18 - Vegetação Local (diversidade de frutos solvestres)	1,5	11	1,25	7	1	23	49
Recursos Naturais (Hídricos)	---	---	---	---	---	---	---
19 - Charco Mbala Madoda	1,5	10	1,25	7	1	18	41
20 - Charco das Girafas	1,5	9	1,25	7	1	29	50
21 - Charco dos Búfalos	1,5	14	1,25	6	1	22	52
22 - Charco das Chitas	1,5	14	1,25	6	1	25	53
Recursos Culturais	---	---	---	---	---	---	---
23 Local histórico Mbala Madoda	1,5	15	1,25	8	1	36	68
Total	---	258	---	154	---	594	1174

Fonte: O autor (2025)

A Tabela 2 mostra que o potencial turístico do Safari Parque de Mucapane apresenta diferenças claras entre as categorias de recursos. Os valores atribuídos a cada recurso (FR, FA, FE e PT) permitem identificar padrões de força e fragilidade no território.

De forma geral, os recursos de fauna apresentam os maiores valores, destacando-se o búfalo asiático (89 pontos), as girafas (66), as zebras (66) e as chitas (61). Esses números indicam que a fauna é o principal elemento motivador da visita, combinando alto valor intrínseco (FR elevado) com condições razoáveis de observação e equipamentos (FE superior aos demais recursos). A fauna de média relevância, como macacos, impalas e avestruzes (entre 41 e 44 pontos), complementa a experiência, embora não determine sozinho o fluxo turístico. Recursos faunísticos com baixa pontuação, como galinha-do-mato e cobras (30–32), mostram que nem todos os animais atraem a mesma atenção e que alguns exigem manejo interpretativo para ganharem valor.

A flora apresenta valores médios, entre 46 e 51 pontos, com destaque para as palmeiras e eucaliptos. Esses resultados revelam que os recursos vegetais possuem boa atratividade, mas são limitados por equipamentos insuficientes (FE menor que o da fauna). O potencial da flora tende a crescer quando associada a trilhas interpretativas ou educação ambiental.

Os recursos hídricos, como charcos, obtêm pontuações mais baixas (próximas a 40 pontos) devido principalmente ao baixo nível de equipamentos e acessibilidade limitada. Embora tenham importância ambiental e paisagística, seus valores mostram que ainda não funcionam como elementos estruturantes da experiência turística.

O recurso cultural MbalaMadoda, com 68 pontos, destaca-se como um dos mais fortes da tabela, superando inclusive vários elementos de fauna. Sua elevada pontuação demonstra que o componente cultural é altamente valorizado e possui capacidade de diversificar e qualificar a experiência turística, desde que adequadamente interpretado e integrado ao percurso de visita.

Ao analisar as variáveis separadamente, percebe-se que FR (valor dos recursos) é mais elevado na fauna e no recurso cultural; FA (acessibilidade) mantém-se relativamente homogêneo entre 6 e 8 para quase todos os recursos, revelando um ponto fraco comum; e FE (equipamentos) é decisivo para diferenciar o potencial, elevando principalmente os recursos de fauna e limitando flora e hídricos.

No conjunto, a Tabela 2 mostra que o parque possui um potencial turístico forte, concentrado na fauna e reforçado por um recurso cultural expressivo. Flora e recursos hídricos desempenham papéis complementares e podem ganhar importância mediante melhoria de acessibilidade, interpretação e equipamentos. Esses padrões indicam caminhos claros para o desenvolvimento turístico: fortalecer infra-estrutura, diversificar produtos e integrar natureza e cultura de forma equilibrada.

3.3. Análise SWOT/FOFA do Safari Parque Mucapane

A seguir é apresentado o quadro 8 contendo a listagem dos factores que compõem o ambiente externo e interno do Safari Parque Mucapane, com o objectivo de se fazer a análise das forças e fraquezas no ambiente interno e a ameaças e oportunidades do ambiente externo.

Quadro 8 - Listagem dos factores do ambiente interno e externo da análise FOFA do parque

Forças	Fraquezas
1. Localização próxima do centro urbano do grande Maputo; 2. Fauna variada e ambiente de conservação; 3. Potencial de turismo de natureza e lazer; 4. Existência de equipamentos e serviços turísticos básicos para a prática do turismo. 5. Uso de material local e sustentável na construção dos equipamentos turísticos; 6. Existência de equipamentos de transporte turístico para passeio	7. Estrutura e profissionalização limitadas (embora exista boa fauna, não há informação detalhada sobre a qualidade das instalações, guias e acessos em óptimo estado; 8. Dependência de um único modelo de acesso (transporte terrestre) cuja infra-estrutura não se encontra em óptimo estado em alguns pontos do trajecto; 9. Riscos na reputação/conservação devido ao crescimento urbano da região. 10. Escala menor da área em comparação com outras áreas de conservação, o

dentro do parque.	que pode afectar a experiência do turista.
Ameaças 1. Concorrência local como o Parque Nacional de Maputo apresenta alto índice de desenvolvimento, com melhores infra-estruturase fauna mais impressionante; 2. Problemas na gestão local do território podem ocasionar a invasão da área do Safari Parque; 3. Infra-estrutura básica ou de apoio deficiente; 4. Impactos ambientais como a seca, alterações climáticas podem afectar a fauna e a flora e reduzir a atractividade do parque;	Oportunidades 5. Possibilidade de expansão da área do parque; 6. Crescente procura da modalidade de turismo ecológico/sustentável; 7. Possibilidade de efectuar parcerias com agências de marketing local; 8. Possibilidade de Melhorias das instalações e serviços; 9. Possibilidade de explorar nichos de mercado; 10. Concorrer a concursos públicos da Administração Nacional das Áreas de Conservação para receber animais quando os parques e reservas públicas descongestionam a sua população de animais.

Fonte: pesquisa de campo do autor (2025)

Listados os factores da análise FOFA do Safari Parque, é apresentada a matriz de avaliação estratégia, desenvolvida com o objectivo de estabelecer uma correlação entre os factores dos ambientes interno e externo (representados pelo campo pintado).

Quadro 9 - Matriz de avaliação estratégica

Ambiente Interno		Ambiente externo											
		Ameaças					Oportunidades						
							A1	A2	A3	A4	O5		O6
Forças	Fo - 1					Total							Total
	Fo - 2												
	Fo - 3												
	Fo - 4												
	Fo - 5												
	Fo - 6												
Total					1	Total						5	
Fraquezas	Fr - 7					Total							Total
	Fr - 8												
	Fr - 9												
	Fr - 10												
Total capacidade ofensiva					3	Total capacidade defensiva						3	

Fonte: O autor (2025)

A Matriz Estratégica (Quadro 9) estabelece as correlações entre os factores internos e externos. A análise geral indicou uma necessidade de focar principalmente em estratégias de Mobilização (Fr/O) e Sobrevivência (Fr/A), além de capitalizar as Forças (FO):

- Capacidade Ofensiva (F/O + Fr/O): A matriz demonstrou uma alta capacidade ofensiva (alavancagem de Oportunidades), com **5 correlações** identificadas no cruzamento de Forças e Oportunidades (F/O), e **3 correlações** na estratégia de Fraquezas e Oportunidades (Fr/O).
- Capacidade Defensiva (F/A + Fr/A): A capacidade defensiva (mitigação de Ameaças) foi menor, com apenas **1 correlação** na estratégia Forças e Ameaças (FA) e **3 correlações** na estratégia Fraquezas e Ameaças (Fr/A).

Quadro 10 - Directrizes estratégicas da análise FOFA

Área de Acção	Factores Abordados	Directriz Estratégica
Melhoria da Acessibilidade	Fraqueza (Fr-8) e Ameaça (A-3)	Reorientação/Sobrevivência: Investimento na reabilitação da estrada de acesso terrestre, que se encontra em mau estado em alguns pontos do trajecto, e melhoria da infra-estrutura básica externa
Melhoria dos Equipamentos e Serviços	Fraqueza (Fr-7) e Oportunidade (O-8)	Mobilização: Melhorar a estrutura e profissionalização limitada (Fr-7) e a qualidade das instalações, aproveitando a possibilidade de melhoria das instalações e serviços (O-8)
Valorização Cultural e Diversificação	Força (Fo-3) e Oportunidade (O-9)	Ofensiva/Mobilização: Valorizar o recurso histórico-cultural (MbalaMadoda) para diversificar a experiência turística (O-9) e complementar o potencial de turismo de natureza (Fo-3)
Segurança e Protecção Ambiental	Fraqueza (Fr-9) e Ameaça (A-2, A-4)	(Defensiva/Sobrevivência): Implementar medidas para mitigar os riscos na reputação/conservação devido ao crescimento urbano (Fr-9) e aos problemas na gestão local (A-2) que podem causar invasão da área, além de proteger contra impactos ambientais como a seca (A-4)

Fonte: o autor (2025)

3.4. Discussão de Resultados

A presente secção procura interpretar, analisar e relacionar os resultados da pesquisa com os objectivos específicos propostos, articulando-os com os conceitos e teorias apresentadas na revisão bibliográfica. O propósito é demonstrar como os resultados respondem ao problema central - avaliar o potencial turístico do Safari Parque de Mucapane - e que implicações emergem para o desenvolvimento do turismo na região.

3.4.1. Inventário Turístico

No que concerne ao primeiro e segundo objectivos específicos, os resultados revelam que o parque dispõe de uma oferta essencial, porém limitada, composta por alojamento rústico, restaurante, cozinha self-catering, equipamentos de lazer, um veículo de safari e trilhas internas para safari. A infraestrutura básica adjacente (escola, posto médico e estabelecimentos comerciais) também contribui para o funcionamento, ainda que de forma indirecta.

A interpretação desses dados indica que o parque possui as condições mínimas para operar como destino turístico, mas enfrenta fragilidades estruturais que condicionam a qualidade da experiência do visitante. Tal situação confirma a análise de Beni (2003) e Silva (2007), os quais defendem que a competitividade de um destino depende não apenas da presença de recursos, mas também de uma infraestrutura eficaz, acessível e capaz de suportar o fluxo turístico.

Além disso, a predominância de construções feitas com material local consolida uma prática de sustentabilidade ambiental coerente com tendências contemporâneas de turismo responsável, mas evidencia limitações em termos de conforto e capacidade de carga. Esse padrão sugere que o parque se encontra numa fase inicial de desenvolvimento turístico, exigindo investimentos para ampliar a sua atractividade.

3.4.2. Hierarquização dos recursos naturais e culturais

Quanto ao terceiro objectivo específico, os resultados demonstraram a predominância de recursos nos níveis 3 e 4 da hierarquia, seguindo o modelo da OEA apresentado por Cunha (2008). Recursos como chitas, girafas, zebras, diversidade de pássaros e o local histórico MbalaMadoda alcançaram os níveis mais altos, enquanto apenas três recursos situaram-se no nível 2.

A interpretação desta distribuição indica que o parque possui uma base sólida de recursos de interesse nacional e regional, alinhando-se ao que Cunha (2008) defende: destinos com forte presença de recursos de nível médio e alto tendem a apresentar bom potencial turístico. A ausência de recursos no nível 5 — os de excepcional interesse internacional — não representa um problema estrutural, pois, conforme o autor, é comum que áreas protegidas privadas de pequena escala não apresentem atractivos com este grau de notoriedade.

A presença de um recurso cultural significativo (MbalaMadoda) enriquece a oferta e converge com a literatura de Almeida (2017), ao afirmar que aspectos simbólicos e memoriais podem fortalecer o valor turístico de um território quando adequadamente interpretados.

3.4.3. Potencial turístico do Safari Parque de Mucapane

No que concerne ao quarto e último objectivo específico, os resultados do cálculo do potencial turístico demonstraram que os recursos mais expressivos são: o búfalo asiático (89 pontos), o local histórico MbalaMadoda (68 pontos), seguidos das girafas, zebras e chitas. E os recursos de menor expressão, como galinha-do-mato, avestruzes e animais domésticos, apresentaram valores reduzidos.

Esta distribuição revela um padrão: a fauna bravia é o principal activo motivacional do parque, seguido de um recurso cultural isolado. Esse dado reforça o argumento de Ruschmann (2004), segundo a qual destinos baseados em recursos naturais dependem de estratégias de interpretação e manejo que valorizem a observação da fauna.

Ao mesmo tempo, os recursos com menor pontuação ilustram o que Cunha (2008) destaca como “atractivos complementares”: elementos que enriquecem a experiência, mas não constituem motivo principal de visita.

3.4.4. Interpretação geral dos resultados e padrões identificados

Ao integrar inventário, hierarquização e cálculo do potencial, emerge um conjunto de padrões:

a) Causas

- A predominância da fauna como recurso principal relaciona-se ao tipo de ecossistema, à história de manejo do parque e ao interesse turístico contemporâneo em experiências de natureza.
- O carácter rústico da oferta e a acessibilidade parcialmente degradada são consequência de investimentos ainda limitados.

b) Efeitos

- A fauna impulsiona o potencial turístico, mas a infra-estrutura restrita impede que esse potencial se converta plenamente em competitividade.

- O recurso cultural, apesar de único, mostra potencial para fortalecer a identidade do destino.
- c) Tendências
 - O parque apresenta condições favoráveis para o turismo de natureza, mas carece de diversificação da oferta.
 - Existe oportunidade de ampliar a interpretação turística e criar produtos que valorizem o recurso cultural “Local histórico MbalaMadoda.”
- d) Problemas identificados
 - Acessibilidade externa irregular, que dificulta o acesso de visitantes.
 - Infra-estrutura turística insuficiente para acolher fluxos maiores.
 - Dependência excessiva de poucos tipos de recursos.

3.4.5. Resposta ao problema central da pesquisa

A partir dos resultados analisados, pode-se afirmar que o Safari Parque de Mucapane possui um potencial turístico significativo, sustentado sobretudo pelos recursos naturais (fauna e flora) e por um recurso cultural relevante, mas esse potencial não está ainda plenamente desenvolvido devido a limitações de infra-estrutura, acessibilidade e diversificação da oferta. Assim, a pesquisa responde integralmente ao problema central, demonstrando que o parque tem condições reais para se afirmar como destino turístico de natureza, desde que implemente melhorias estratégicas identificadas na análise.

3.4.6. Implicações práticas, teóricas e territoriais

a) Implicações para a área de estudo

O estudo contribui para metodologias de avaliação de potencial turístico em áreas privadas de conservação, reforçando a aplicabilidade combinada de modelos de Cunha (2008) e Almeida (2009).

b) Implicações para a prática profissional

Os resultados evidenciam a necessidade de:

- Investimentos em infra-estrutura e acessibilidade;
- Diversificação de produtos turísticos;
- Valorização de aspectos culturais locais;
- Manejo adequado dos recursos naturais.

c) Implicações para o território.

O parque pode gerar emprego, fortalecer a economia local e reforçar a identidade cultural da região, desde que a gestão turística seja orientada para a sustentabilidade.

d) Limitações do estudo

Alguns factores podem ter influenciado os resultados, nomeadamente:

- Amostra reduzida (21 participantes), devido à ausência de funcionários em férias.
- Limitações de tempo e recursos para observar a dinâmica do parque em diferentes épocas do ano.
- Dados baseados em percepções dos funcionários, o que pode introduzir enviesamentos.
- Concentração dos recursos, que levou a uma sobrevalorização da fauna em detrimento de outros elementos potenciais.

Reconhecer essas limitações fortalece a validade da pesquisa e abre caminho para estudos futuros mais amplos.

IV. CONCLUSÃO

Chegado ao fim do presente trabalho que teve como objectivo geral avaliar o potencial turístico do Safari Parque de Mucapane com vista a apoiar o planeamento e o desenvolvimento do turismo no distrito de Moamba, aplicando-se uma metodologia assente no inventário da oferta turística, na hierarquização dos recursos e no cálculo do potencial turístico, permitiu responder de forma consistente ao problema central da pesquisa e alcançar os objectivos definidos.

No que respeita ao inventário dos recursos turísticos naturais e culturais do Safari Parque de Mucapane, concluiu-se que o parque dispõe de uma diversidade relevante de recursos naturais, com destaque para a fauna bravia, a flora e os recursos hídricos. Identificou-se igualmente a existência de um recurso cultural de interesse histórico “MbalaMadoda”, que, apesar de isolado, acrescenta valor simbólico e identitário à oferta turística do parque. Estes recursos constituem a base essencial da atractividade turística do destino.

Relativamente a identificação da infra-estrutura básica, os equipamentos e os serviços turísticos que influenciam a atractividade do parque, constatou-se que a oferta existente permite o funcionamento mínimo do Safari Parque como destino turístico. Contudo, a infra-estrutura, os equipamentos e os serviços apresentam limitações em termos de acessibilidade, conforto, diversificação e capacidade de atendimento, o que condiciona a qualidade da experiência turística e reduz a competitividade do parque face a outros destinos de turismo de natureza.

Ademais, referente à hierarquização dos recursos, os resultados demonstram a predominância de recursos enquadrados nos níveis 3 e 4 da hierarquia proposta pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Este enquadramento confirma a existência de atractivos com capacidade significativa de motivar fluxos turísticos a nível regional e nacional, sendo a fauna bravia o principal elemento de motivação da visita. Os recursos de menor hierarquia assumem um papel complementar, contribuindo para a diversificação da experiência turística.

Quanto a determinar as áreas prioritárias para o investimento considerando o potencial turístico dos recursos, o cálculo do potencial turístico permitiu identificar quais recursos se destacam no conjunto analisado. Os resultados evidenciaram que os recursos naturais, em particular a fauna, apresentam maior peso no grau de atractividade turística, seguidos pelo

recurso cultural “MbalaMadoda”, indicando que estes constituem os elementos centrais para a valorização turística do parque.

Em linhas gerais, conclui-se que o Safari Parque de Mucapane possui um potencial turístico significativo, porém ainda subaproveitado. A presença de recursos com elevado valor turístico contrasta com as fragilidades observadas na infra-estrutura, nos equipamentos e nos serviços turísticos, demonstrando que o principal desafio do parque não reside na inexistência de atractivos, mas sim na necessidade de um planeamento turístico estruturado e de uma gestão adequada dos recursos. Assim, o parque reúne condições reais para se afirmar como um destino relevante de turismo de natureza, desde que o seu potencial seja devidamente integrado num processo de desenvolvimento turístico sustentável, equilibrando conservação ambiental, atractividade turística e benefícios para o território.

V. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **ALMEIDA, Lara. 2017.** Análise e Avaliação do Potencial Turístico dos Territórios: O caso do parque de Arrábida. *Exdra Revista Científica*. Dezembro de 2017, Vol. Vol.1, pp. 93-114.
2. **ALMEIDA, Marcelo Pinto de. 2024.** *O Papel das Reservas Privadas na Conservação da Natureza*. Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa. Viçosa - Minas Gerais : s.n., 2024. p. 121, Dissertação de Mestrado.
3. **ALMEIDA, Marcelo Vilela de. 2009.** Matriz de Avaliação do Potencial Turístico de Localidades Receptoras. *Turismo em Análise*. 3º, Dezembro de 2009, Vol. Vol. 20.
4. **AZEVEDO, Claudemira. 2008.** Evolução Histórica do Turismo e Suas Motivações. *TÓPOS*. 2008, Vol. 2, pp. 123-141.
5. **BENI, Mário Carlos. 2003.** *Análise Estrutural do Turismo*. 9ª Ed. São Paulo : Editora Senac, 2003.
6. **BOITEUX, Bayard e WERNER, Mauricio. 2009.** *Introdução ao Estudo do Turismo*. Rio de Janeiro : Elsevier Editora Ltda, 2009. ISBN 978-85-352-3649-1.
7. **Breda, Zélia. 2004.** Avaliação do potencial de desenvolvimento turístico ao nível local: uma proposta de metodologia aplicada ao conselho de Ílhavo. *RT&D Artigos Científicos*. 1, 2004, Vol. 1, pp. 35-42.
8. **CABRAL, Rúben Filipe Rebelo. 2022.** *Posicionamento do Destino Açores: uma análise comparativa*. Universidade dos Açores. Ponta Delgada : s.n., 2022. p. 63, Dissertação de Mestrado.
9. **CERRO, Franciso Leno. 1993.** A Avaliação do Potencial Turístico é um Processo de Planificação: o canal de Castila. *Estudos Turísticos*. 1993, pp. 49-85.
10. *Circulação Hidrodinâmica da Baía de Inhambane*. **Sitoe, Nélío das Neves O., et al. 2017.** Maputo : J.F. Silva Gomes, 2017. 9º Congresso Luso-Moçambicano de Engenharia. 19052.
11. **CUNHA, Licínio. 2010.** A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário. *ReCil. Repositório Científico Lusófona*. 2010, p. 23.
12. —. **2008.** Avaliação do Potencial Turístico. *COGITUR*. 1, 2008, Vol. 1, pp. 21 - 40.
13. —. **2003.** *Introdução ao Turismo*. 2ª Edição. São Paulo : Editorial Verbo, 2003.
14. **DIAS, Reinaldo. 2005.** *Introdução ao Turismo*. São Paulo : Atlas, 2005. ISBN 85-224-3962-1.

15. **FREITAS, Lara B. A. e LIMA, Letícia Bianca B. M. 2020.** Hierarquização dos Atractivos turísticos em Aracaju e Ilha Mem de Sá, Sergipe. *Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR*. 2º, Novembro de 2020, Vol. 10, pp. 105-122.
16. **GAGNAUX, Philip. 2025.***Pesquisa de Campo*. [entrev.] Tércio UAMUSSE. Pessene, 12 de Setembro de 2025.
17. **Governo de Moçambique. 2025.** Estratégia Nacional de Desenvolvimento 2025 -2044. Maputo, Moçambique : Ministério da Economia e Finanças, 2025.
18. —. **2022.** Regulamento de Empreendimentos Turísticos, Estabelecimentos de Restauração e Bebidas e Salas de Dança. Maputo, Moçambique : s.n., 2022.
19. **JONES, Brain, LIDIMBA, Tiago e PANDA, Gildo. 2019.** Co-Gestão, Governação e Quadro Jurídico-legal das áreas de conservação comunitárias em Moçambique. 2019.
20. **MARTINS, André Filipe. 2017.***Planeamento estratégico de destinos turísticos: contributos para o desenvolvimento da actividade turística no concelho de Tomar*. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Portugal : s.n., 2017. Dissertação de Mestrado.
21. **Marujo, Maria Noémi e Carvalho, Paulo. 2010.** Turismo, Planeamento e Desenvolvimento Sustentável. *Turismo & Sociedade*. 2010, Vol. 3, pp. 147-161.
22. **Ministério da Cultura e Turismo. 2015.** Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Moçambique II (2016 - 2025). *PEDTM*. Maputo : s.n., 2015. Vol. II.
23. **Ministerio da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural. 2017.** Regulamento das Fazendas do Bravio. Maputo : s.n., 2017.
24. **Ministério da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural. 2009.** Regulamento das Fazendas do Bravio. Maputo : s.n., 2009.
25. **Ministério do Turismo do Brasil. 2006.** Manual do Pesquisador - Inventário da Oferta Turística: instrumento de Pesquisa. [compil.] Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Brasília, Brasil : s.n., Dezembro de 2006.
26. **MITCHELL, B. A., et al. 2023.**Directrizes para áreas de sobre protecção privada. [ed.] Craig GROVES. *Série Diretrizes para Melhores Práticas em Áreas Protegidas N° 29*. 2023, pp. 1-117.
27. **NHANTUMBO, Cristina Clotilde. 2024.***Caso de Estudo; Infecção por Parasitas em Caprinos (Safari Parque de Mucapana)*. Departamento de Produção animal, Higiene e Produção de Alimentos, Universidade Eduardo Mondlane. Maputo : s.n., 2024. p. 63, Monografia.

28. **PERANTONI, Alisson, SILVA, Letícia Aparecida V. e NAGABE, Fabiane. 2012.** Inventário Turístico: experiências acadêmicas com metodologias e práticas no planejamento do turismo no Pontal Paulista - SP. *contemporâneas*. 2012.
29. **RUSCHMANN, Doris. 2004.** *Turismo e Planeamento Sustentável: A protecção do meio ambiente*. 11 Edição. Campinas SP : Editorial Papirus, 2004.
30. **SADC. 2019.** Programa da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) para áreas de Conservação Transfronteiriça (TFCAs). Gaborone, Botsuana : s.n., 2019.
31. **SILVA, Elisabete Maria Andrade. 2016.** *Planeamento estratégico para o desenvolvimento do turismo: o caso de vila Franca do Campo*. Departamento de Economia e Gestão, Universidade dos Açores. Portugal : s.n., 2016. Dissertação de Mestrado.
32. **SILVA, Tatiana Alves de Almeida. 2007.** *Inventário da Oferta Turística e Desenvolvimento Sustentável*. Universidade de Brasília. Brasília : s.n., 2007. p. 74, Dissertação de Mestrado.
33. **TRIBE, John. 1997.** The Indiscipline of Tourism. 1997, Vol. 24, pp. 638-657.
34. **TRIOLA, Mário F. 2005.** *Introdução à Estatística*. 9º Edição. Rio de Janeiro : LTC, 2005.

APÊNDICES

Apêndice 1: Ficha de Inventário da Oferta Turística do Safari Parque Mucapane

Parte 1: elementos da oferta.			
Elementos da oferta	Quantidade	Designação	Observação
Infra-estrutura básica ou urbana			
Acessibilidade			
a) Sinalização geral e turística (interna e externa)			
b) Meios de acesso (interna e externa)			
c) Acesso mais utilizado			
d) Tipo de transporte			
Sistema de Comunicações			
Sistema de Segurança			
Sistema Médico-hospitalar			
Sistema educacional			
Outros serviços e equipamento de apoio			
Serviços e equipamentos turísticos			
Serviços e Equipamentos de Alojamento			
Serviços e Equipamentos de Restauração			
Serviços e Equipamentos de Transporte.			
Serviços e equipamentos de lazer e entretenimento.			
Outros serviços ou equipamentos de apoio ao turismo.			
Recursos/Atractivos Naturais/culturais			
Recursos/attractivos naturais.			
Recursos/attractivos culturais			
Parte 2: Informação Geral sobre o Parque.			
1. Descrição do Parque a. Nome oficial: b. Nome Popular: c. Nome da Organização Gestora: d. Contactos: _____ E-mail: _____			
2. Localização do Parque: _____ a. Coordenadas geográficas: _____ b. Província, Distrito e Localidade em que está inserido: _____ c. Ponto de referência e respectiva distância em Km: _____ d. Endereço oficial: _____			
3. Tipo de actividade/serviços que oferece: _____ a. Políticas de acesso (preçário): b. Horário: c. Duração da visita:			

- d. Limite de visitas por grupo:
- e. Idioma dos guias:
- 4. Período Histórico – Bens Materiais.
 - a. Utilização original do parque: _____
 - b. Utilização actual da área: _____
- 5. Aspectos físico naturais.
 - a. Tipo de Flora: _____
 - b. Tipo de relevo: _____
 - c. Dimensão: _____
- 6. Quantidade de funcionários e respectivas responsabilidades: _____
- 7. Divisão do parque (áreas ou departamentos): _____
- 8. Legislação de Protecção ao Parque.
 - a. Lei:
 - b. Decreto:
 - c. Norma de Restrição:
- 9. Estado de Conservação/preservação do parque.
 - a. Geral:
 - b. Medidas de Higiene e Segurança:

Apêndice 2: Inquérito de Avaliação do Potencial Turístico do Safari Parque de Mucapane

A presente matriz de ponderação pretende avaliar o potencial turístico do Safari Parque de Mucapane. A pesquisa insere-se no âmbito do trabalho de culminação do curso de Gestão de Mercados Turísticos, leccionado na Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane. As suas respostas serão exclusivamente anónimas e aplicadas somente no contexto académico – científico.

Em caso de dúvidas, queira por favor contacto pelo número +258 85 049 5469 ou pelo e-mail: teciowamusse@gmail.com

Secção 1: Hierarquização dos recursos

A matriz é composta por duas colunas (a esquerda os recursos e a direita a hierarquia de cinconíveis). Indique com um “X” a hierarquia corresponde para cada recurso considerando que:

H1 - Recurso sem méritos suficientes para considerar o recurso como relevante mas que desempenha um papel complementar, diversificação e potenciando os restantes recursos;

H2 - Atractivo com interesse, capaz de originar correntes turísticas regionais ou locais;

H3 - Recurso com alguma capacidade de atracção capaz de interessar visitantes de longa distância mas que se deslocam ao local por outras razões turísticas;

H4 -Recurso excepcional capaz de motivar uma corrente actual ou potencial) de visitantes nacionais ou estrangeiros, seja por si só ou em conjunto com outros atractivos locais (interesse nacional);

H5 -Recurso com características excepcionais e de grande significado para o mercado turístico corrente de visitantes (actual e potencial) (interesse internacional)

RecursoTurístico	Hierarquia					
	H1	H2	H3	H4	H5	Soma/n
1						
2						
3						
n						

Secção 2: Matriz de Ponderação dos Recursos

A matriz é composta por três (3) tabelas referentes ao valor dos recursos, valor das acessibilidades e o valor dos equipamentos turísticos. Para efectuar a pontuação considere a escala de Linkert de 5 pontos, baseando-se nos seguintes critérios: 5 – Excelente; 4 – Bom; 3 – Razoável; 2 – Mau; 1 – Péssimo; 0 – Indiferente.

Ponderação do valor dos recursos (V_r/F_r).

[illegible]

Ponderação do valor da acessibilidade (V_a/F_a).

[illegible]

Ponderação do valor dos equipamentos (Ve/Fe).

[illegible]

Secção 3: Perfil do entrevistado

O quadro abaixo é composto por três colunas (Variável, categoria e resposta). Responda marcando com um “X” apenas no quadrante de “resposta.”

Variável	Categoria	Resposta
Departamento	Administração	
	Alimentação	
	Manutenção	
	Segurança	
	Turismo	
	Cuidado e tratamento de animais	
Cargo/Função	Cozinheiro/a	
	<i>House-Keeping</i>	
	Guia	
	Motorista	
	Administrador	
	Domador de animais	
	Alimentador de animais	
	Guarda	
	Carpinteiro	
	Fiscal	
	Recepcionista	
	Chefe de departamento	
Nacionalidade	Moçambicano	
	Estrangeiro	
Género	Masculino	
	Feminino	
Faixa Etária	18-28	
	29-40	
	41-50	
	50 ou mais	
Instrução académica	Ensino Secundário Geral	
	Formação Técnica	
	Licenciatura	
Domínio de Língua	Apenas Português	
	Português e Inglês	
	Português e Inglês	



Figura 20 - Ilustração da cozinha *Self-Catering*.
Fonte: pesquisa de campo do autor (2025)



(a)



(b)

Figura 21 - Quadro de dois veículos operários do Safari Parque Mucapane: (a) veículo laranja para transporte de animais; (b) Veículo verde para transporte de madeira
Fonte: pesquisa de campo do autor (2025)



(a)



(b)

Figura 22–Quadro de ossadas de animais: (a) crânios de antílopes; (b) ossadas de uma girafa)
Fonte: pesquisa de campo do autor (2025)

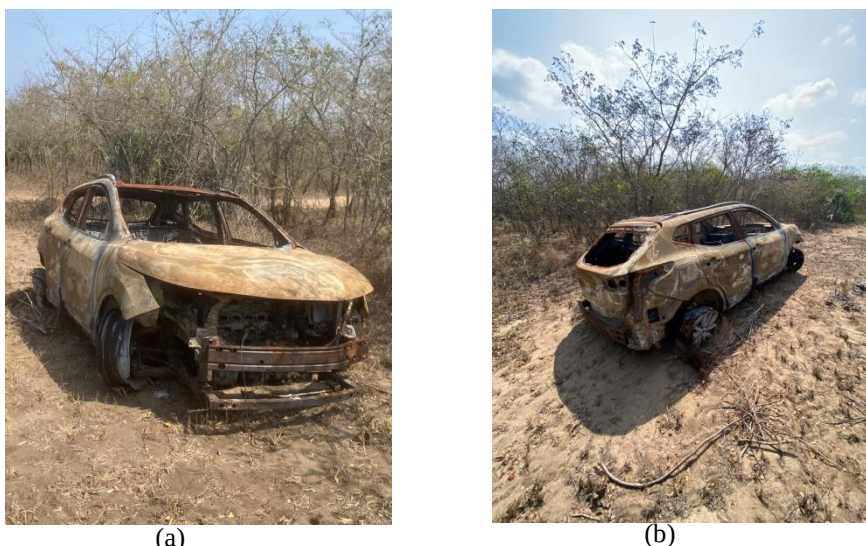


Figura 23—Quadro de veículo automóvel de um grupo de turistas que incendiou durante uma expedição de Safari: (a) frontal do veículo; (b) traseira do veículo

Fonte: o autor (2025)

Quadro 11 - Lista completa do inventário dos recursos/atractivos do Safari Parque Mucapane

RecursoTurístico	Quantidade	Observação
Naturais (Fauna)		
1 Chitas (2)	2	Com área própria e com cerca de protecção
2 - Búfalo Asiático (15)	15	Usados para pastagem e tem cural próprio
3 - Girafas (4)	4	Vivem em ambiente aberto, de aquisição própria
4 - Zebras (40)	40	Vivem em ambiente aberto, de aquisição própria
5 - Inhalas (40)	40	Vivem em ambiente aberto, de aquisição própria
6 - Impalas	Sem registo	Vivem em ambiente aberto, de aquisição própria
7- Avestruz (2)	2	Vivem em ambiente semi-aberto, de aquisição própria
8 - Diversidade de pássaros	Sem registo	Nativos da região
9 - Macacos	Sem registo	Nativos da região
10 - Várias espécies de Cobras (até jibóia)	Sem registo	Nativas da região
11 - Galinha-do-mato	Sem registo	Adquiridas na abertura do parco, com altas taxas de procriação
12 - Animais domésticos (coelhos, caprinos, suínos, Pombos, gado bovino)	Sem registo	Criados especificamente para alimentação (humana e para as chitas) e venda

13 - Ossadas de Animais (Girafas e Antílopes)	Sem registo	Originários dos animais que perdem a vida no parque e espalhados pelo mesmo
Recursos Naturais (Flora)		
14 - Palmeiras	Sem registo	Nativas da região
15 - Eucaliptos	Sem registo	Plantadas pela quinta Florique para extracção de madeira
16 - Simbiri (Terminalia Sericea)	Sem registo	Plantadas pela quinta Florique para extracção de madeira
17 - Micaias	Sem registo	Nativas da região
18 - Vegetação Local (diversidade de frutos silvestres)	Sem registo	Nativas da região
Recursos Naturais (Hídricos)		
19 - Charco MbalaMadoda	Não aplicável	Antes era um lago, mas devido a seca tem actualmente características de charco
20 - Charco das Girafas	Não aplicável	Natural e é permanente devido a aproximação com o rio Matola
21 - Charco dos Búfalos	Não aplicável	Charco artificial que actualmente não seca (é permanente)
22 - Charco das Chitas	Não aplicável	Charco temporário, necessita de canalização de água para manter em época seca.
Recursos Culturais		
23 Local histórico Restaurante e Bar MbalaMadoda	1	Local de interesse histórico, reconhecido pela população local.